

SABER

# Cooperar

A revista do cooperativismo



Sistema**OCB**  
CNCOP - OCB - SESCOOP

## Lições de Vida

### Sementes

Unimed Catanduva realizou parto em Libras para este casal de surdos

### Perfil

Uma história real de superação motivada pelo cooperativismo

### Somoscoop

Cooperativas financeiras abrem 250 mil postos de trabalho e ajudam Brasil a crescer

SOMOS  
LÍDERES

SESCOOP



O futuro do cooperativismo está sendo construído por todos nós. E ter cada vez mais jovens envolvidos nesse processo tem sido a nossa meta. Por isso, criamos o **Programa Somos Líderes**: vamos formar um time de líderes coop, engajados na causa e atuantes no mercado e na sociedade. Verdadeiros advogados da marca levando nossa bandeira ainda mais longe. Quer saber mais sobre o programa? Acesse nosso site.

Números  
desta edição

21

cooperativas

foram citadas nesta revista. Juntas, elas abrangem três regiões do Brasil (Norte, Sul e Sudeste), além de outros dois países: Argentina e Inglaterra.

5 dos 7

ramos do cooperativismo

estão representados: Crédito; Saúde; Agronegócio; Infraestrutura; e Trabalho, Produção de Bens e Serviços.

COMO ACESSAR OS  
RECURSOS MULTIMÍDIA



Tendo o aplicativo *QR Code* instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código. Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

# VALORES DA cooperação

Amigo cooperativista,

Tenho muito orgulho de ter nascido e crescido em uma família cooperativista! Os valores do nosso movimento — como a equidade, a solidariedade e a honestidade — sempre estiveram presentes na minha vida. Talvez por isso, duas histórias desta edição da **Saber Cooperar** mexeram muito comigo. São histórias de pessoas, como eu e você, que tiveram as vidas transformadas pelo jeito cooperativista de olhar o mundo.

No interior de São Paulo, a equipe da Unimed Catanduva fez mais do que atender com qualidade um casal de surdos à espera do primeiro filho. Eles cuidaram — no sentido mais amplo da palavra — dessa família, ao garantir que tivessem direito a toda a emoção que envolve o nascimento de um filho. E já que os futuros papais não escutariam o choro do bebê, os médicos decidiram traduzir o parto em Libras. Assim, quando a filha deles chegou ao mundo, eles souberam na hora, por sinais, que sua menina tinha um “choro forte e vigoroso”. Uma informação que levou às lágrimas não apenas o casal, mas todos os profissionais da

saúde presentes naquele momento tão especial.

Outra reportagem que revela muito do jeito cooperativista de olhar o mundo conta a história de uma mulher salva por sua cooperativa — e essas são palavras dela. É emocionante ver como o simples fato de acreditarmos em uma pessoa é capaz de mudar completamente a sua trajetória.

Além dessas duas histórias, temos uma reportagem especial sobre como as cooperativas financeiras estão driblando o desemprego e oferecendo milhares de novos postos de trabalho, todos os anos. Entre 2014 e 2018, por exemplo, foram 20,5 mil vagas abertas, de norte a sul do Brasil.

Para completar, também falamos sobre um projeto de intercooperação entre Brasil e Argentina na área de vinhos e sobre os impactos da flexibilização do selo Combustível Social para as nossas cooperativas.

Boa leitura!

**Márcio Lopes de Freitas**  
Presidente do Sistema OCB

ANO VIII • Nº 27 • JUL/AGO/SET 2019  
ISSN 2317-5109

**SESCOOP  
CONSELHO NACIONAL**

- Márcio Lopes de Freitas – presidente

**REPRESENTANTES OCB**

**Região Centro-Oeste**

- Celso Ramos Régis – titular
- Remy Gorga Neto – suplente

**Regiões Norte e Nordeste**

- Ricardo Benedito Khouri – titular
- Malaquias Ancelmo de Oliveira – suplente

**Região Sudeste**

- Ronaldo Ernesto Scucato – titular
- Carlos André Santos de Oliveira – suplente

**Região Sul**

- Luiz Vicente Suzin – titular
- Leonardo Boesche – suplente

**Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas**

- João Edilson de Oliveira – titular
- Luíza Fonseca Leite Pina – suplente

**REPRESENTANTES DO EXECUTIVO**

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

- Najara Flauzino Ferro – titular

**Ministério da Economia**

- Alberto Alves Silva de Oliveira – titular
- Andréia Lúcia Araújo da Cruz de Carvalho – suplente
- Dênio Aparecido Ramos – titular
- Alex Pereira Freitas – suplente
- Thaisis Barboza de Souza – titular
- Roberta Carolina Rios Bosco Soares – suplente
- Carlos Felipe Alencastro F. de Carvalho – titular
- Joel Amaral Júnior – suplente

**CONSELHO FISCAL DO SESCOOP**

**REPRESENTANTES DA OCB**

- José Arilo Carneiro Pereira – titular
- André Pacelli Bezerra Viana – titular
- Ary Célio de Oliveira – suplente
- Jeferson Adonias Smaniotto – suplente

**Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas**

- Evaristo Lunz Gomes – titular

**REPRESENTANTES DO EXECUTIVO**

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

- Paula Lobo Ferreira de Assis – titular
- Thiago Vinícius Pinheiro da Silva – suplente

**Ministério da Economia**

- Ricardo da Costa Nunes – titular
- Luciana Maria Rocha Moreira – suplente
- Alessandro Roosevelt Silva Ribeiro – titular
- Rogério Nagamine Costanzi – suplente

**SISTEMA OCB**

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

**Gerente de Comunicação:**

Daniela Lemke

**Conselho Editorial:**

Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Renato Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanella Milléo Filho e Tânia Zanella

**Jornalista responsável:** Gisele James

**Colaboração:** Gabriela Prado, Aurélio Prado, Ana Suelen Troiano e Iago Carvalho

**Projeto editorial:** Farol Conteúdo Inteligente

**Edição:** Guaíra Flor

**Projeto gráfico:** Chica Magalhães

**Diagramação:** Vanessa Kassabian

**Reportagens:** Guaíra Flor, Karine Rodrigues, Lilian Beraldo, Luana Lourenço, Naiara Leão, Paula Andrade, Patrícia Portales e Rita Frazão

**Capa:** Lula Lopes (foto); Magneto Fotos (tratamento de imagem)

**Fotos:** Ariane Godoi (Unimed Catanduva), Guilherme Kardel e Lula Lopes

**Ilustrações:** Kleber Sales

**Revisão:** Luciana Pereira

**Impressão:** Mais Soluções Gráficas Eireli ME

**Tiragem:** 12 mil exemplares

**Sistema OCB:** Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bloco “I” CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119. E-mail: revistasabercooperar@sescoop.coop.br

# NESTA Edição



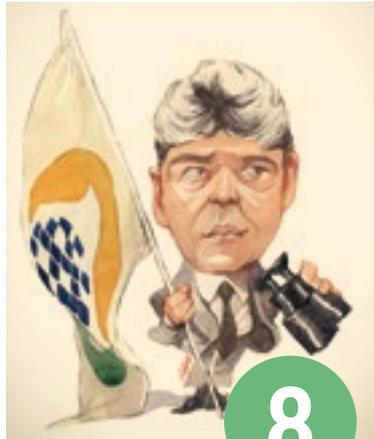
*Acontece*

NOTÍCIAS NA PALMA DA MÃO



*Inovação*

TECNOLOGIA SUSTENTÁVEL



*Entrevista*

O FUTURO DA APOSENTADORIA



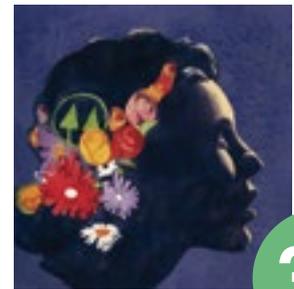
*Somos Coop*

OÁSIS NA CRISE



*Sementes*

SINAIS DE AMOR



*Perfil*

UMA POR TODAS



40

*Intercoperação*

INTEGRAÇÃO EM NOME DO VINHO



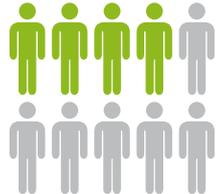
*Três Poderes*

UM SELO, MUITAS OPORTUNIDADES



53

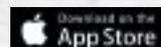
*Artigo*

10   
*Infografia*  
COOPERATIVISMO EM NÚMEROS

# Notícias na palma da mão



Ficou ainda mais fácil se informar sobre as principais novidades do cooperativismo no Paraná. Já está disponível — para os sistemas iOS e Android — o aplicativo Paraná Cooperativo, com notícias quentinhas sobre as cooperativas daquele estado. A experiência é personalizada, e você pode escolher os assuntos que deseja acessar a partir de um filtro com 17 temas de interesse, como agronegócio, crédito, política, economia e muito mais. Para completar, o aplicativo está repleto de conteúdo multimídia, com reportagens, artigos, vídeos, áudios, além de gráficos, números e indicadores em tempo real. Tudo isso produzido pelo Sistema Ocepar. Baixe o seu agora mesmo!



## Pioneiros em Minas Gerais

Pela primeira vez em sua história, o Museu dos Pioneiros de Rochdale ultrapassou os limites territoriais do Reino Unido. E para pousar em solo brasileiro; mais precisamente no World Coop Management (WCM) 2019 — congresso internacional

voltado para a gestão cooperativista, que aconteceu no Expominas, em Belo Horizonte, entre os dias 30 de setembro e 1º de outubro. A exposição oferece uma experiência de imersão, transportando os participantes para a primeira cooperativa criada no mundo: a Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale, fundada na Inglaterra em 1844. Objetos, produtos e ferramentas originais recontam a história da entidade, considerada a pedra fundamental do cooperativismo moderno. Para saber mais sobre a exposição e o restante da programação do WCM 2019, acesse o site [wcm.coop](http://wcm.coop).



Acesse o site

# Sicredi e Turma da Mônica: Juntos pela educação financeira

Adivinha quem ficou com a missão de ensinar educação financeira de maneira lúdica para crianças? Isso mesmo: a Turma da Mônica. O Sicredi, em parceria com a Mauricio de Sousa Produções, lançou uma série especial com seis edições dos clássicos gibis para educar o público infantojuvenil sobre o uso consciente do dinheiro e a importância do bem-estar financeiro. Além disso, no canal do YouTube do Sicredi, estão disponíveis três episódios de desenho animado da Turma: *Orçamento Familiar*, *De onde vem o dinheiro* e *A recompensa de quem sabe administrar o dinheiro*. Os conteúdos são baseados no *Caderno de Educação Financeira — Gestão de Finanças Pessoais*, produzido pelo Banco Central do Brasil.



Assista aos episódios!

## Cooperativismo em Brumadinho

Uma parceria entre o Sistema Ocemg e a Fundação Dom Cabral (FDC) movimentou a cidade de Brumadinho — que continua lutando para se recuperar do rompimento de uma barragem de contenção de resíduos minerais, ocorrida no começo do ano. No último mês de agosto, no Museu Inhotim, foi realizada a 4ª edição do Fórum de Lideranças. Nele, 48 líderes e gestores de cooperativas puderam tecer uma rede de cooperativistas em busca da excelência na gestão das cooperativas. E as metas sobre gestão e sustentabilidade foram elucidadas de forma diferente: obras de arte contemporânea apresentaram dados. Não faltou integração entre os participantes de diferentes ramos, que puderam protagonizar reflexões sobre liderança e gestão de pessoas.

## 5º Encontro Brasileiro de Pesquisadores do Cooperativismo (EBPC)

Aconteceu entre 9 e 11 de outubro, no Instituto Federal de Brasília — Campus Gama, o 5º Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC). O tema desta edição foi Negócios Sustentáveis em Cenários de Transformação. O objetivo era mapear tendências e fortalecer a experimentação de modelos de desenvolvimento sustentável. O evento foi realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), com o apoio do Sistema OCB e da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E aguarde! Na próxima edição, traremos uma matéria especial com as principais pesquisas apresentadas durante o EBPC.



## O FUTURO DA

## aposentadoria

CONHEÇA OS IMPACTOS DA  
REFORMA DA PREVIDÊNCIA PARA  
O BRASIL E, ESPECIALMENTE,  
PARA O COOPERATIVISMO

Por Paula Andrade

A população mundial está envelhecendo muito rapidamente e, em pouco tempo, haverá mais gente recebendo benefícios do que contribuindo para a Previdência. As pessoas estão vivendo mais e, no Brasil, a situação não é diferente.

De acordo com o governo federal, em 2016, 52,1 milhões de brasileiros contribuíram para a Previdência e havia 33,2 milhões de aposentados. Para cada pessoa que recebia a aposentadoria, havia pouco mais de 1,5 contribuinte. Mas as projeções indicam que, sem a reforma da Previdência, em 2050, o número de contribuintes cairá para 43,9 milhões de pessoas e haverá quase o dobro de aposentados: 61 milhões de brasileiros, ou seja, a conta não fechará em breve. A reforma é, sim, necessária. A dúvida é: em quais moldes?



Em meio a discursos de apoio e de críticas à Reforma da Previdência, convidamos o secretário adjunto de Previdência, Naron Gutierrez Nogueira, da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia, para nos explicar sobre a proposta de Nova Previdência e os impactos para a economia do País. Confira:

**Quais são as três principais mudanças previstas pela Reforma da Previdência, na sua opinião, e como elas devem afetar a economia do País?**

Em linhas gerais, podemos destacar, como diretrizes principais da Nova Previdência, tornar o nosso sistema previdenciário mais justo, exigir um esforço maior daqueles que têm condições de contribuir mais e buscar garantir um sistema sustentável, diante do rápido processo de envelhecimento populacional por que o Brasil passa. Entre as medidas específicas que constam da proposta, podem ser destacadas a instituição de idade mínima para todas as aposentadorias e a alteração nas regras de cálculo dos benefícios, para que a taxa de reposição por eles proporcionada esteja mais adequada em relação às contribuições efetuadas.

**Enquanto sociedades empregadoras, qual será o impacto da Reforma da Previdência para as cooperativas brasileiras?**

Ao produzir um sistema mais equilibrado e sustentável, a Nova Previdência contribuirá para a melhoria das finanças públicas, o que aumentará a capacidade de investimento e de atendimento a outras políticas públicas pelo Estado, bem como melhorará

as expectativas do mercado e a disposição dos agentes privados para investirem na atividade produtiva. Os efeitos serão positivos para a geração de empregos e para a economia como um todo.

**Quando os cooperados ou funcionários de cooperativas exercem atividades insalubres, eles têm direito a algum benefício no cálculo de sua aposentadoria? Qual seria ele?**

A aposentadoria especial dos segurados que exerçam atividades com efetiva exposição a agentes nocivos químicos, físicos e biológicos prejudiciais à saúde continua existindo, porém, passa a ser exigido o cumprimento de uma idade mínima, conforme a natureza da atividade (55 anos de idade para atividades que exijam exposição de 15 anos; 58 anos para as de 20 anos; e 60 anos para as de 25 anos).

**Para o setor rural, a proposta traz mudanças nas regras de contribuição para a aposentadoria?**

Não. A Câmara dos Deputados decidiu manter sem alteração as regras de acesso aos benefícios dos trabalhadores rurais e as contribuições devidas pelos empregadores.

**Se a Reforma não for aprovada, ou for muito alterada, qual seria o impacto disso para o nosso País — em especial para as nossas cooperativas?**

O Governo Federal acredita que a reforma será aprovada pelo Senado Federal, como já ocorreu na Câmara dos Deputados. As atuais e as futuras gerações precisam dessa aprovação. ■

**EM 2016,  
52,1 MILHÕES  
DE BRASILEIROS  
CONTRIBUÍRAM  
PARA A PREVIDÊNCIA  
E HAVIA 33,2 MILHÕES  
DE APOSENTADOS.  
PROJEÇÕES INDICAM  
QUE, SEM A REFORMA  
DA PREVIDÊNCIA,  
EM 2050, O NÚMERO  
DE CONTRIBUINTES  
CAIRÁ PARA  
43,9 MILHÕES DE  
PESSOAS E HAVERÁ  
QUASE O DOBRO DE  
APOSENTADOS.**

# Cooperativismo

## EM NÚMEROS

**CONHEÇA UM  
POUCO DA FORÇA  
E DO IMPACTO DO  
NOSSO MOVIMENTO,  
NO BRASIL E  
NO MUNDO, E  
SURPREENDA-SE!**

Por Guáira Flor

Somos muitos! Mais de 1,2 bilhão de pessoas ao redor do mundo, unidas por um mesmo ideal: a cooperação. Juntos, teríamos condições de povoar um país do tamanho da China — nação mais populosa do mundo, com 1,3 bilhão de habitantes. E, nesse nosso país cooperativista, teríamos um Produto Interno Bruto (PIB) de pelo menos US\$ 2,1 trilhões — faturamento acumulado das 300 maiores cooperativas do mundo. Um valor equivalente ao PIB de países como a Itália (US\$ 2,2 trilhões) e a Turquia (US\$ 2,1 trilhões).

Esses são apenas alguns dos dados do *Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2019*, lançado no início do segundo semestre pelo Sistema OCB. “Esse estudo visa dar visibilidade à força e à relevância econômica e social do

cooperativismo. Estamos disponibilizando um banco de dados para consulta de informações sobre o nosso movimento para cooperativas, universidades, imprensa e órgãos públicos, capazes de ajudá-los a projetar estratégias para o fortalecimento do setor”, explica Márcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB.

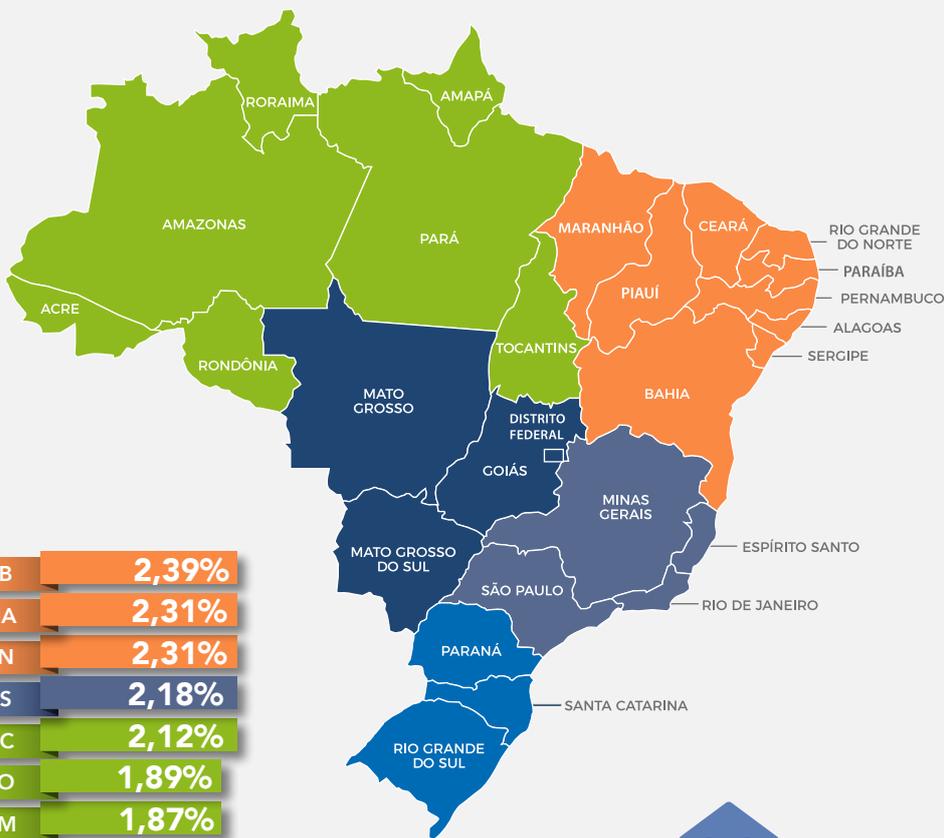
Os resultados apresentados provêm de levantamento, consolidação e tabulação dos dados primários mais recentes enviados por nossas unidades estaduais, além de fontes secundárias, como Aliança Cooperativa Internacional, Agência Nacional de Saúde Suplementar, Agência Nacional de Mineração, Agência Nacional de Transportes Terrestres, Banco Central do Brasil e Ministério da Economia. Os dados das cooperativas foram coletados entre janeiro e maio de 2019, e referem-se ao exercício de 2018. Confira:

# No Mundo



# No Brasil

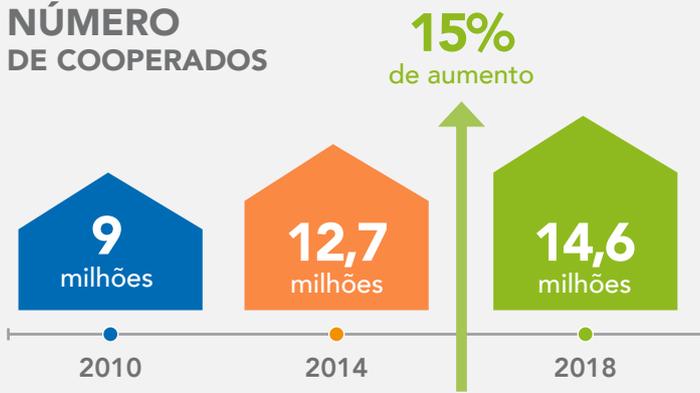
**6.828**  
Cooperativas



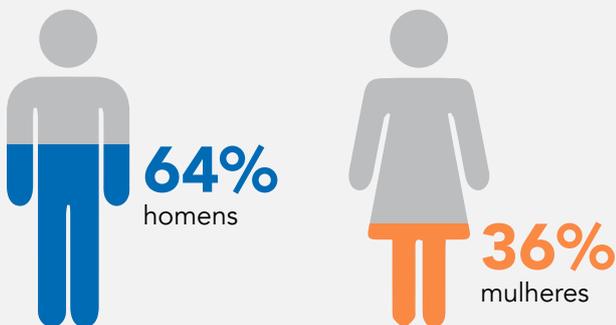
SP	15,01%	PB	2,39%
MG	11,29%	MA	2,31%
PA	7,92%	RN	2,31%
RJ	7,22%	ES	2,18%
RS	6,4%	AC	2,12%
DF	5,37%	RO	1,89%
PE	4,1%	AM	1,87%
SC	3,78%	RR	1,64%
GO	3,21%	MS	1,63%
PR	3,15%	PI	1,27%
BA	3%	SE	1,16%
CE	2,48%	AL	0,95%
MT	2,46%	TO	0,45%
AP	2,42%		

**DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE COOPERATIVAS POR ESTADO**

## NÚMERO DE COOPERADOS



## GÊNERO DOS COOPERADOS



Temos o desafio de trazer mais mulheres para a base cooperativista, pois sabemos que elas são fundamentais ao desenvolvimento de qualquer setor da economia. Ao equilibrar o percentual de homens e mulheres em nossa base, seremos fiéis a um importante valor cooperativista: a igualdade de tratamento. Afinal, as cooperativas estão abertas a todas as pessoas, sem discriminação de sexo, gênero, social, racial, política ou religiosa.

*Estamos na contramão do desemprego*

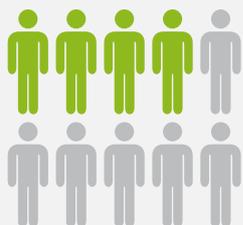


Enquanto o setor privado reduziu seus postos de trabalho em 5%, representando um saldo negativo de 2,3 milhões de empregos entre 2014 e 2018, as cooperativas expandiram suas contratações em igual período, crescendo 17,8% e gerando um saldo positivo de 64,3 mil novas vagas de emprego. Bem mais do que os outros setores da economia.

## EVOLUÇÃO DOS EMPREGOS GERADOS PELAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS

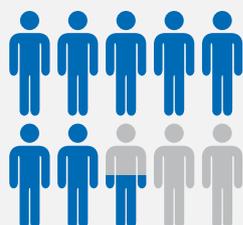


# Reconhecimento



De cada **10** brasileiros,

**4** conhecem o cooperativismo.



De cada **10** parlamentares,

**7,5** têm uma visão positiva do cooperativismo.



Temos o desafio de tornar o cooperativismo reconhecido em todo o país, até 2025, por sua competitividade, sua integridade e sua capacidade de tornar as pessoas felizes.

# Impacto na Economia

\*Dados de 31 de dezembro de 2018

**R\$ 351,4**  
**bilhões**

Ativo total das cooperativas brasileiras. Esse valor representa o conjunto de bens e de recursos administrados pelo cooperativismo, capazes — portanto — de gerar mais recursos para a nossa economia.

**R\$ 9**  
**bilhões**

Total de recursos injetados pelas cooperativas na economia, apenas com o pagamento de salários e outros benefícios destinados a colaboradores. Esse número refere-se ao exercício de 2018.

**R\$ 259,9**  
**bilhões**

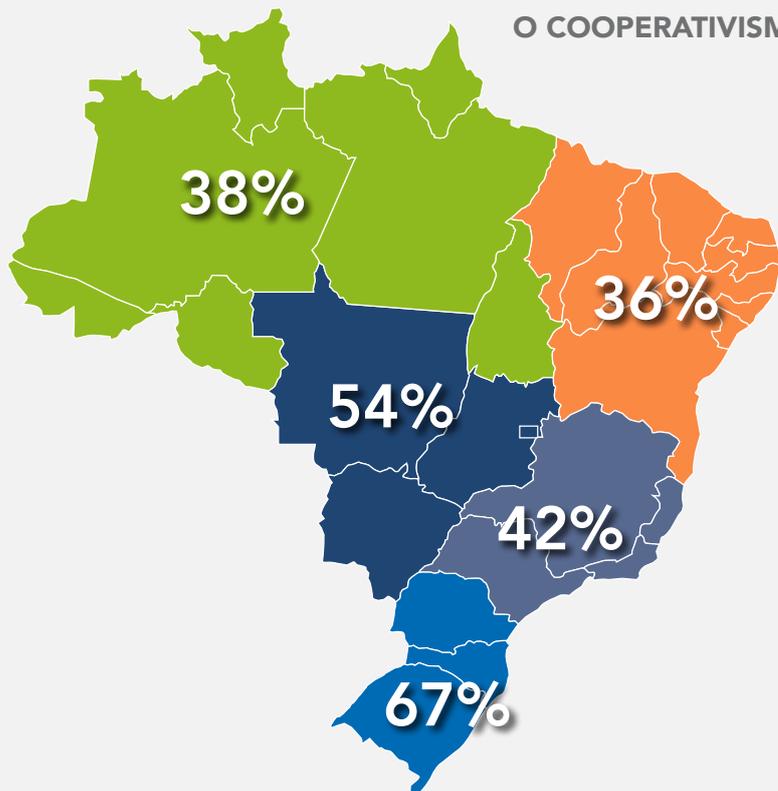
Receita bruta acumulada das cooperativas brasileiras no ano de 2018. Esse valor é superior ao PIB anual de 20 dos 26 estados brasileiros, e também do Distrito Federal.



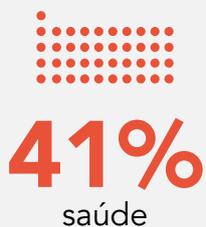
**R\$ 7**  
**bilhões**

pagos em impostos e tributos, apenas em 2018.

## REGIÕES QUE MAIS CONHECEM O COOPERATIVISMO



## RAMOS COM QUE OS BRASILEIROS MAIS SE RELACIONAM



## Reestruturação dos Ramos

A partir de 2019, falamos para a sociedade brasileira que estamos organizados em sete ramos, para facilitar a compreensão deles. A reorganização (de 13 para 7 ramos) traz importantes ganhos para nossas cooperativas:

- Forma ramos fortes, com mais representatividade;
- Deixa nossa organização mais simples e flexível, capaz de se adaptar às rápidas mudanças de mercado e inovação;
- Alinha o discurso institucional para a realização de uma comunicação mais assertiva;
- Melhora o atendimento do Sescoop, que hoje encontra dificuldade em organizar ações para ramos muito específicos e com poucas cooperativas.

*Conheça a nossa classificação:*

COOPERATIVISMO  
EM NÚMEROS  
SAIBA MAIS!





## AGROPECUÁRIO

Composto pelas cooperativas relacionadas às atividades agropecuária, extrativista, agroindustrial, aquícola ou pesqueira. Passa a incluir as cooperativas de alunos de escolas técnicas de produção rural.



## CONSUMO

Inclui cooperativas que realizam compra em comum, tanto de produtos quanto de serviços, para seus cooperados (supermercados, farmácias). Agora, passa a englobar parte das cooperativas do Ramo Educacional, formadas por pais e alunos, e do Ramo Turismo e Lazer, na modalidade em que os cooperados adquirem, por intermédio da cooperativa, serviços turísticos. Aqui, a ideia é somar o poder de compra de todos para reduzir custos de bens e serviços e oferecer melhor atendimento e mais segurança para os cooperados.



## CRÉDITO

Composto pelas cooperativas que prestam serviços financeiros a seus cooperados, sendo-lhes assegurado o acesso aos instrumentos do mercado financeiro. Não sofreu alteração.



## INFRAESTRUTURA

Composto pelas cooperativas de geração e compartilhamento de energia elétrica, além das focadas na construção de imóveis para moradia, do antigo Ramo Habitacional.



## SAÚDE

Composto pelas cooperativas formadas por médicos, odontólogos ou profissionais ligados à área de saúde humana. Também engloba as cooperativas de usuários que se reúnem para constituir um plano de saúde.



## TRABALHO, PRODUÇÃO DE BENS E SERVIÇOS

Nova denominação do antigo ramo Trabalho. Com a nova classificação, passa a reunir trabalhadores que se transformam em donos de seus próprios negócios. Engloba as cooperativas que prestam serviços especializados a terceiros ou que produzem bens, tais como beneficiamento de material reciclável e artesanatos. Também reúne todas as cooperativas de professores e dos antigos ramos produção, mineral, parte do turismo e lazer e, por fim, especial.



## TRANSPORTE

Este ramo preserva sua nomenclatura, mas seu conceito foi ajustado. A nova definição passa a trazer expressamente a condição de que o cooperado seja proprietário ou possuidor do veículo. Desse modo, cooperativas formadas de motoristas de veículos de carga ou de passageiros, que não detenham a posse ou propriedade destes, devem ser classificadas no ramo Trabalho, Produção de Bens e Serviços; além disso, cooperativas que se dediquem a transporte turístico — cujos cooperados sejam proprietários ou possuidores dos veículos — devem ser reclassificadas para o ramo Transporte. ■



# Oásis

## NA CRISE

DESCUBRA COMO O  
COOPERATIVISMO  
FINANCEIRO CONSEGUE  
CRESCER TRÊS VEZES  
ACIMA DA MÉDIA  
NACIONAL NA OFERTA  
DE NOVOS EMPREGOS

*No final de 2018, o cooperativismo financeiro já detinha o maior número de postos de atendimento (6.219) do Sistema Financeiro Nacional. Isso representa um incremento de 6,7% em relação ao mesmo período do ano anterior.*

Por Naiara Leão

Existe uma ilha de oportunidades de trabalho em meio à crise econômica que atinge o Brasil. Enquanto o setor privado demite e o Brasil convive com um índice de desemprego de 12,5% — segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) —, as cooperativas financeiras abriram 20,5 mil novos postos de trabalho entre 2014 e 2018. Um crescimento de 19,7%, bem acima da média nacional para o período (5%), superando até mesmo a média geral do cooperativismo (17%), segundo o *Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2018*. Hoje, o setor emprega 67,3 mil pessoas. Na contramão do desemprego, está contratando em vez de demitir.

Para a gerente técnica do Sistema OCB, Clara Máfia, o aumento do emprego nas cooperativas financeiras deve-se à expansão do setor e à abertura de novos **postos de atendimento**. “É um movimento interessante, pois, enquanto os bancos tradicionais estão caminhando no sentido da completa digitalização do relacionamento com o cliente, o cooperativismo financeiro — mesmo adotando a tecnologia —, faz questão de manter uma relação de proximidade, de olho no olho com o cooperado”, observa.



## “A PROXIMIDADE DA COOPERATIVA FINANCEIRA COM O COOPERADO GERA UM LAÇO MAIS FIRME DE CONFIANÇA.”

**Clara Máfia,**  
gerente técnica do Sistema OCB

Tal proximidade “gera um laço mais firme de confiança entre o cooperado e sua cooperativa financeira”, diz Clara. Além disso, alinha-se aos princípios cooperativistas ao promover o desenvolvimento sustentável com a criação de postos de trabalhos para aquecer a economia local, gerando trabalho e renda para profissionais com perfis variados, como Jonathan Villalba, assistente financeiro do Sicoob Norte em Porto Velho (RO).

Contratado em maio deste ano, Jonathan sentiu na pele os efeitos da crise econômica ao ficar desempregado por seis meses. A empresa em que ele trabalhava como gerente administrativo,

no Paraná, decretou falência, e ele se viu sem trabalho pela primeira vez, aos 34 anos. Incomodado, avaliou que a situação do estado não era boa e decidiu buscar novas oportunidades em Rondônia, onde viveu por alguns anos, anteriormente. Lá, não encontrou uma situação muito diferente. Muitas empresas recusavam-se a contratá-lo porque tinham um teto salarial incompatível com sua experiência. “Foi difícil, encontrei muita dificuldade em recolocação no mercado de trabalho”, lembra.

Desgastado pela busca, Jonathan optou por mudar a rota profissional e investir em um antigo sonho: trabalhar no mercado financeiro. Tirou uma certificação e partiu em busca de oportunidades na nova área. “No entanto, desta vez me deparei com outro obstáculo — a idade —, pois as grandes instituições financeiras no país costumam contratar assistentes de até 25 anos”, diz. A oportunidade que ele buscava surgiu no Sicoob Norte. “Encontrei uma oportunidade de recolocação e a realização de um sonho de menino, de trabalhar de roupa social em uma instituição financeira. Foi uma oportunidade importante, pois o Sicoob não faz distinção de idade”, diz.

Hoje ele credita sua oportunidade ao mesmo fator apontado pela gerente do Sistema OCB: a capilaridade de um sistema que investe em contato presencial para se expandir. “Nosso sistema tem tudo para continuar crescendo, devido ao excelente atendimento, que é diferenciado justamente por ser personalizado”, afirma Jonathan.

## Gestão profissional

Crescendo em contratações, o sistema cooperativista tem atraído profissionais cada vez mais qualificados, como a gerente regional de investimentos do Sicredi Vale do Piquiri (SP/PR), Márcia Guerra.

Trabalhando na área de investimentos há 16 anos e com várias certificações,

**ESTADOS QUE  
MAIS EMPREGAM.  
CRESCIMENTO ENTRE  
2017 E 2018\***

PARANÁ

**21,1%**

MINAS GERAIS

**14,5%**

RIO GRANDE DO SUL

**11,4%**

SANTA CATARINA

**15,3%**

SÃO PAULO

**7,7%**

*\*Números absolutos de 2018.  
Variação percentual entre  
2017 e 2018. Dados do Anuário  
OCB 2018.*

Márcia tornou-se alvo de recrutamento de diversas instituições quando decidiu sair do banco no qual trabalhava, em 2017, por conta de mudanças internas de gestão. Ela já tinha fechado uma proposta com uma grande instituição financeira quando foi contatada pelo Sicredi, que identificou seu currículo em uma plataforma on-line de empregos e vagas.

“Eles me convidaram para que eu viesse conhecer a cooperativa e, até então, eu não conhecia bem o cooperativismo. Comecei a estudar a história e o modelo de negócios pelo mundo. Me encantei”, relembra. Além disso, Márcia achou que a proposta de trabalho era mais desafiadora do que o que ela encontraria em uma instituição tradicional. “O Sicredi me oferecia um desafio maior, por atuar com uma marca nova em São Paulo, que é uma praça forte e consolidada. Inserir uma marca aqui é difícil e requer muito conhecimento técnico. E eu quis muito esse desafio.”

Em dois anos no cargo, Márcia e sua equipe conseguiram implantar uma assessoria de investimentos e entregar as metas inicialmente propostas. Ela também fez uma formação internacional em cooperativismo, na Alemanha. As propostas de trabalho continuam chegando (“o mercado assedia bastante, viu?”), mas o ambiente de trabalho saudável é, para ela, algo valioso. “O Sicredi me abraçou. A diretoria e a presidência entenderam as ideias que eu trouxe, a mudança de cultura na forma de ver investimentos que propus. Eles abraçaram a causa e me veem não como gestora, mas como pessoa. Sabe aquela coisa de assistir à televisão no domingo à noite com preguiça de vir trabalhar no dia seguinte? Comigo não tem isso: eu amo trabalhar aqui”, conta.

**ESTADOS EM QUE A  
EMPREGABILIDADE  
MAIS CRESCEU ENTRE  
2017 E 2018 \***

AMAZONAS

**196,3%**

TOCANTINS

**59,9%**

SERGIPE

**38,5%**

CEARÁ

**25,2%**

PIAUI

**23,5%**

*\* Números absolutos de 2018.  
Variação percentual entre  
2017 e 2018. Dados do Anuário  
OCB 2018.*

## Quantidade com qualidade

Além de gerar novos postos de trabalho, as cooperativas financeiras mantêm a preocupação constante de aperfeiçoar seu quadro de pessoal. Em 27 anos atuando no setor, o diretor executivo do Sicredi União (PR/SP), Rogério Machado, perdeu as contas de quantos cursos fez com o apoio do sistema cooperativista. Só pós-graduações, foram três — a mais recente, um MBA Executivo na Fundação Dom Cabral, na qual ele atualmente é mestrando em Gestão Empresarial. As visitas para conhecer boas práticas de cooperativas nos Estados Unidos, na Inglaterra e em Singapura também foram muitas.

“Minha evolução enquanto profissional se confunde muito com o próprio desenvolvimento do Sicredi e a necessidade de busca por novos conhecimentos e metodologias que pudesse aplicar aqui. Sempre tive aqui muito apoio, tanto de me darem força e incentivo quanto financeiro”, conta.

O acesso aos estudos fomentados pela cooperativa foram, além de uma ferramenta profissional, uma conquista pessoal. Rogério, que veio de família humilde, começou a

**“NO COOPERATIVISMO, AS PESSOAS SÃO VALORIZADAS PELO QUE SÃO, E NÃO PELO QUE TÊM. POR ISSO, NOSSOS PROFISSIONAIS ATUAM COM PAIXÃO E ENGAJAMENTO EM TUDO O QUE FAZEM.”**

**Rogério Machado,**  
*diretor executivo do  
Sicredi União (PR/SP)*



trabalhar como auxiliar de oficina mecânica aos 14 anos e sempre quis crescer por meio dos estudos, pois essa era a orientação dos seus pais. “Eles diziam que a gente precisava buscar crescer, enquanto pessoa, por meio dos estudos”, conta.

Hoje, homem feito, tenta cultivar no Sicredi União a cultura de aperfeiçoamento que um dia lhe foi passada. Atualmente, a cooperativa tem um curso de MBA somente para os colaboradores, chamado Academia Cooperativa. A primeira turma forma-se em outubro deste ano. E há também uma Escola de Talentos, que funciona com pequenos módulos de formação ao longo de 12 meses, e todos os funcionários participam.

Além disso, Rogério destaca que, antes de colocarem a mão na massa, todos os novos funcionários passam quinze dias de trabalho em um projeto de integração. “Eles têm esse tempo para conhecer a cultura cooperativa e enxergarem que, no cooperativismo, as pessoas são valorizadas pelo que são, e não pelo que têm. Isso ressignifica a forma como se veem como profissionais. Por isso, nossos profissionais atuam com paixão e engajamento em tudo o que fazem”, afirma.

Na avaliação do executivo, essa é uma forma de manter coesão na cooperativa — que tem 1.300 funcionários (300 contratados somente em 2019 para 25 novas agências) e é uma das quatro maiores do Brasil. “Construímos isso com respeito aos colaboradores, humildade nas nossas ações e coerência naquilo que somos. Passamos para o time nosso posicionamento no mercado, de maneira clara. Aqui, buscamos não só o desenvolvimento técnico das pessoas, mas o interpessoal”

## AGENDA BC#

Reconhecendo o potencial de crescimento, empregabilidade e inclusão financeira do cooperativismo financeiro, o Banco Central destacou a importância do setor no lançamento da Agenda BC#, em junho deste ano. “Mesmo durante as crises na década anterior, o cooperativismo manteve-se firme na trajetória de crescimento. A gente precisa agora consolidar essa atuação”, afirmou o presidente do Banco Central, Roberto Campos, no evento.

A Agenda BC# lista medidas para melhorar a saúde financeira do brasileiro e, por consequência, a economia do país, com foco em quatro pilares:

**INCLUSÃO** — o foco dessa dimensão é facilitar o acesso ao mercado financeiro para todos: pequenos e grandes, investidores e tomadores, nacionais e estrangeiros. Entre as medidas para alcançar esse objetivo, estão plataformas digitais, menos burocracia e simplificação de procedimentos. É intenção do BC atuar para que fontes privadas de financiamento ocupem mais espaço no mercado, de forma que se permita a redução da participação do governo nesse segmento.

**COMPETITIVIDADE** — busca a adequada precificação por meio de instrumentos de acesso competitivo aos mercados. Há diversas inovações, impulsionadas por tecnologia, que incentivam a competição. Paralelamente, há desafios para reduzir barreiras, agilizar procedimentos e gerenciar riscos.

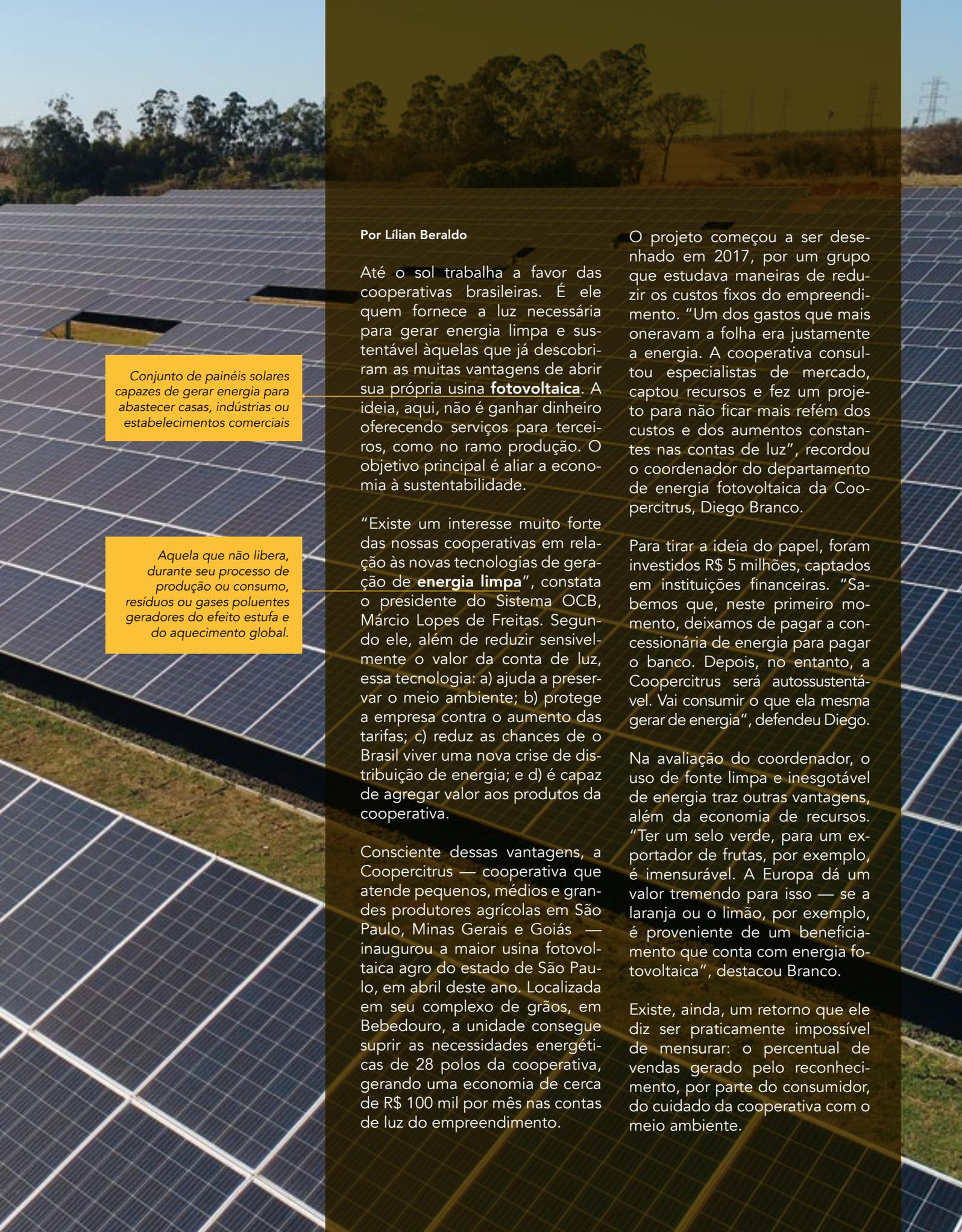
**TRANSPARÊNCIA** — nessa dimensão, trabalha-se para aprimorar o processo de formação de preço e as informações de mercado e do BC. Ela investe no incremento da comunicação, na avaliação de resultados e na simetria de informação. Para tanto, é fundamental o relacionamento com parlamentares, investidores e o grande público. O BC trabalha para que a informação flua transparentemente em todos os aspectos, como no direcionamento de crédito e nos serviços financeiros.

**EDUCAÇÃO** — a dimensão Educação almeja conscientizar o cidadão para que todos participem do mercado e cultivem o hábito de poupar. Nesse sentido, é chave a participação de agentes de mercado, como cooperativas e distribuidores de microcrédito. Para atingir alta capilaridade, a dimensão prossegue também no esforço de plena implementação da Base Nacional Comum Curricular, de que consta a educação financeira como conteúdo programático elegível para escolas. ■

# Tecnologia

## SUSTENTÁVEL

COOPERATIVAS INVESTEM EM GERAÇÃO PRÓPRIA DE ENERGIA E CONSEGUEM, DE UMA SÓ VEZ, ECONOMIZAR RECURSOS, PRESERVAR O MEIO AMBIENTE E REDUZIR O RISCO DE UM NOVO APAGÃO NO PAÍS



Conjunto de painéis solares capazes de gerar energia para abastecer casas, indústrias ou estabelecimentos comerciais

Aquela que não libera, durante seu processo de produção ou consumo, resíduos ou gases poluentes geradores do efeito estufa e do aquecimento global.

Por Lílian Beraldo

Até o sol trabalha a favor das cooperativas brasileiras. É ele quem fornece a luz necessária para gerar energia limpa e sustentável àquelas que já descobriram as muitas vantagens de abrir sua própria usina **fotovoltaica**. A ideia, aqui, não é ganhar dinheiro oferecendo serviços para terceiros, como no ramo produção. O objetivo principal é aliar a economia à sustentabilidade.

“Existe um interesse muito forte das nossas cooperativas em relação às novas tecnologias de geração de **energia limpa**”, constata o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. Segundo ele, além de reduzir sensivelmente o valor da conta de luz, essa tecnologia: a) ajuda a preservar o meio ambiente; b) protege a empresa contra o aumento das tarifas; c) reduz as chances de o Brasil viver uma nova crise de distribuição de energia; e d) é capaz de agregar valor aos produtos da cooperativa.

Consciente dessas vantagens, a Coopercitrus — cooperativa que atende pequenos, médios e grandes produtores agrícolas em São Paulo, Minas Gerais e Goiás — inaugurou a maior usina fotovoltaica agro do estado de São Paulo, em abril deste ano. Localizada em seu complexo de grãos, em Bebedouro, a unidade consegue suprir as necessidades energéticas de 28 polos da cooperativa, gerando uma economia de cerca de R\$ 100 mil por mês nas contas de luz do empreendimento.

O projeto começou a ser desenhado em 2017, por um grupo que estudava maneiras de reduzir os custos fixos do empreendimento. “Um dos gastos que mais oneravam a folha era justamente a energia. A cooperativa consultou especialistas de mercado, captou recursos e fez um projeto para não ficar mais refém dos custos e dos aumentos constantes nas contas de luz”, recordou o coordenador do departamento de energia fotovoltaica da Coopercitrus, Diego Branco.

Para tirar a ideia do papel, foram investidos R\$ 5 milhões, captados em instituições financeiras. “Sabemos que, neste primeiro momento, deixamos de pagar a concessionária de energia para pagar o banco. Depois, no entanto, a Coopercitrus será autossustentável. Vai consumir o que ela mesma gerar de energia”, defendeu Diego.

Na avaliação do coordenador, o uso de fonte limpa e inesgotável de energia traz outras vantagens, além da economia de recursos. “Ter um selo verde, para um exportador de frutas, por exemplo, é imensurável. A Europa dá um valor tremendo para isso — se a laranja ou o limão, por exemplo, é proveniente de um beneficiamento que conta com energia fotovoltaica”, destacou Branco.

Existe, ainda, um retorno que ele diz ser praticamente impossível de mensurar: o percentual de vendas gerado pelo reconhecimento, por parte do consumidor, do cuidado da cooperativa com o meio ambiente.

# Marco sustentável

Para o presidente do conselho de administração da Coopercitrus, José Vicente da Silva, a inauguração do complexo de energia fotovoltaica foi um importante marco para a cooperativa, que dá o primeiro passo em direção à sustentabilidade energética de todas as suas estruturas e futuramente das atividades agropecuárias de seus cooperados e comunidade. A caminhada já começou.

A cooperativa está ajudando os cooperados a abrirem suas próprias usinas fotovoltaicas. A proposta é auxiliá-los nos processos de captação de recursos e no cumprimento das burocracias relacionadas à concessionária de energia. Implantada a usina, a Coopercitrus acompanhará a produção de energia do cooperado pelo prazo de cinco anos.

De acordo com Diego Branco, até o momento, cerca de 80 projetos de produção de energia solar foram analisados pela Coopercitrus. Desse total, 50 já estão instalados e funcionando. “Os produtores que desejam instalar um projeto ou sanar as dúvidas devem procurar o departamento [de energia fotovoltaica] para receber todas as informações, desde o projeto adequado baseado nas contas [de energia] até as linhas de financiamentos disponíveis”, afirmou o coordenador.

**“A INAUGURAÇÃO DO COMPLEXO  
DE ENERGIA FOTOVOLTAICA  
FOI UM IMPORTANTE MARCO  
PARA A COOPERATIVA.”**

**José Vicente da Silva,**  
*presidente do conselho de  
administração da Coopercitrus*



# Potencial alternativo

Na última década, a evolução da tecnologia fotovoltaica tem mostrado potencial e viabilidade econômica para se tornar uma forte alternativa às formas convencionais de geração de energia elétrica, como hidrelétricas e termoeletricas, que trazem grandes impactos ambientais.

A produção de energia limpa, de acesso universal e a preço justo até 2030 é um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas. Para alcançar essa meta, é necessário ampliar o investimento em energias limpas.

Segundo a ONU, esforços para promover o uso de energias sustentáveis garantiram, até 2011, que 20% da energia consumida do planeta viesse de fontes renováveis. Entretanto, uma em cada sete pessoas no planeta ainda não tem acesso à eletricidade, e a demanda continua aumentando. O futuro do planeta depende do investimento em energia limpa, que provoque impactos ambientais mínimos, como a energia solar, a eólica e a térmica.

## COMO FUNCIONA A COMPENSAÇÃO DE ENERGIA

As cooperativas que têm usina fotovoltaica produzem energia para consumo próprio e mandam o que sobra para a rede de distribuição da concessionária. Esse excedente pode ficar como crédito para a cooperativa – que consome depois, quando for necessário – ou pode ser usado por outras unidades. Pelo uso da rede da concessionária, as cooperativas têm de pagar uma taxa obrigatória conhecida como “custo do uso do sistema de distribuição”. Com apenas esse custo – já que a energia é produzida pela própria cooperativa —, a conta de luz tem uma redução sensível.

# Energia compartilhada

Se uma cooperativa sozinha consegue gerar energia suficiente para economizar centenas de milhares de reais, imagine o que duas cooperativas juntas são capazes de fazer? Pois acaba de surgir, no Espírito Santo, a maior usina de **energia compartilhada** limpa do Brasil. Localizada no município de Ibirapu, ela é encabeçada pelo Sicoob Espírito Santo e pela Cooperativa Agropecuária Centro Serrana (Coopeavi).

Com 3,2 mil placas solares instaladas, o empreendimento é responsável pela produção de energia elétrica para 95 agências do Sicoob e para 87 cooperados — escolhidos levando em conta critérios como tempo de associação, proximidade e interesse pelo projeto.

Para viabilizar a execução do programa e o compartilhamento de energia, uma terceira cooperativa foi criada: a Ciclos, uma plataforma de serviços com soluções para simplificar a vida de seus associados nas áreas de energia, comunicação, saúde e negócios. É a Ciclos a responsável pela distribuição de energia aos cooperados.

A usina de Ibirapu está dividida em 10 unidades geradoras, sendo uma destinada para a Coopeavi e nove para o Sicoob. Das unidades do Sicoob, sete direcionam energia para as agências e duas, para associados da Ciclos.

**“A GERAÇÃO DE ENERGIA LIMPA  
CONTRIBUI PARA A REDUÇÃO  
DE GASTOS E CAUSA MENOS  
DANOS AMBIENTAIS.”**

**Arno Kerckhoff,**  
vice-presidente do Sicoob-ES



## Retorno em curto prazo

### NOVIDADE EM TEMPO REAL

Uma das inovações da usina fotovoltaica da Coopercitrus é oferecer aos cooperados a gestão das atividades realizadas em suas propriedades na palma da mão. Dados e informações relacionados ao consumo e à produção de energia elétrica são descritos em tempo real. No sistema, é possível acompanhar *on-line* a economia em reais, de acordo com o tempo de funcionamento, a potência produzida, a previsão meteorológica, quantas toneladas de CO<sub>2</sub> deixaram de ser jogadas na camada de ozônio e outras informações referentes ao funcionamento da usina.

O vice-presidente do Sicoob-ES, Arno Kerckhoff, ressalta que o investimento realizado na usina — de R\$ 4,2 milhões — vai gerar uma economia de cerca de R\$ 85 mil por mês, além de propiciar a preservação do meio ambiente. “A geração de energia limpa contribui para a redução de gastos e causa menos danos ambientais, evitando, por exemplo, a construção de barragens e a alteração do curso de rios e de nascentes”, destacou.

Para os próximos meses, a expectativa é de que a produção seja ampliada por meio da construção de outras usinas, o que vai propiciar a inclusão de novos associados no sistema de energia compartilhada.

O investimento total, nos próximos 12 meses, chegará a R\$ 35 milhões. Assim, a capacidade de atendimento aumentará para 2,5 mil residências ou estabelecimentos comerciais de cooperados vinculados ao Sicoob-ES.

“A Ciclos tem por objetivo levar energia limpa compartilhada para todo o Brasil e ajudar os cooperados a entenderem melhor o mercado de energia. Além de investir na ampliação do atendimento em solo capixaba, em 2020, vamos iniciar a nacionalização da cooperativa”, destacou Kerckhoff.

### A ENERGIA SOLAR



É totalmente renovável



É de fácil implantação



Não é poluente



Oferece baixo custo de manutenção



É silenciosa

## COOPERCITRUS EM NÚMEROS

**R\$ 5**  
**milhões**  
investidos

**3,6**  
**mil**  
placas solares  
instaladas

**1,17**  
**MWp**  
como potência  
total

**1.987**  
**MWh/ano**  
como produção  
anual

### O QUE PODERIA ABASTECER:

**300**  
**residências**  
por mês\*

**3.600**  
**residências**  
no ano\*

\*Consumo médio de 500kWh/mês

## Fique por dentro

### **Resolução nº 482 da Aneel**

Publicada em 17 de abril de 2012, a norma permitiu aos consumidores realizar a troca da energia gerada com a rede elétrica. Com isso, consumidores que instalam placas solares em seus telhados ou terrenos (ou usam outra tecnologia de geração própria) podem entregar a energia excedente ao sistema elétrico pelas redes das distribuidoras durante o dia, quando o sol está a pino. Depois, durante a noite, recebem a energia das outras fontes de geração do sistema, por meio das mesmas redes elétricas. Atualmente, a resolução encontra-se em revisão na ANEEL, com o desafio de alocar corretamente os custos do uso do sistema de distribuição ao modelo.

A geração compartilhada é aquela em que um grupo de pessoas usufrui da energia gerada pelo mesmo sistema.

Ciente do crescente interesse das cooperativas brasileiras pela geração de energia limpa, a OCB fará nove *workshops* neste segundo semestre para levar mais informações sobre o tema. O primeiro evento foi realizado em Rondônia, em agosto. Ainda devem receber o *workshop*: Minas Gerais, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Ceará, Bahia, Amazonas, Maranhão e São Paulo.

“Desde 2012, a **ANEEL** permite que todo consumidor possa gerar sua própria energia, e tem algumas vantagens para fazer isso”, explicou Marco Morato, analista técnico-econômico da Gerência Técnica da Casa do Cooperativismo.

“Ele [consumidor] gera energia, abate na conta de luz, porque não pode vender, mas pode fazer uso da rede de distribuição como se fosse uma bateria – gera energia fotovoltaica durante o dia, injeta na rede e consome na hora que quiser”, completou o analista.

Morato explica, ainda, que em 2015 houve uma reformulação da regra e a OCB conseguiu incluir o cooperativismo no rol de alternativas para geração de energia, ou seja, em vez de cada consumidor, sozinho, tentar criar uma forma de gerar energia, a resolução permitiu que eles se unissem em cooperativas que produzissem energia a ser compensada nas casas ou unidades consumidoras dos cooperados (**cooperativa de Geração Distribuída**).

Um grupo de pelo menos 20 pessoas pode constituir uma cooperativa para produzir a própria energia, que será distribuída na forma de créditos em kWh na conta de luz entre os cooperados, em percentuais previamente aprovados por todos. Também no entendimento da ANEEL, é possível que cooperativas já constituídas, independentemente da atividade econômica principal, promovam a geração de energia e compensem nas unidades consumidoras de seus cooperados.

## GOSTOU DA IDEIA?

Tem interesse em reduzir o valor da conta de luz e ainda agregar valor aos seus produtos? Já pensou em produzir a sua própria energia? Se você gostou da ideia e quer constituir uma cooperativa com esse intuito, baixe agora o **Guia de Constituição de Cooperativas de Geração Distribuída Fotovoltaica**, documento produzido pela OCB em parceria com a DGRV (entidade de representação do cooperativismo alemão), a Aneel, o Ministério de Minas e Energia e a Agência de Cooperação Técnica da Alemanha (Agiv).



Baixe  
agora!

## SAIBA ONDE BUSCAR RECURSOS PARA TRAZER ENERGIA SOLAR PARA SUA CASA OU COOPERATIVA

### SICREDI

A cooperativa tem, desde 2015, uma linha de crédito específica para a aquisição de tecnologias (equipamentos, softwares e serviços) por associados (pessoa física ou jurídica) interessados em investir em energia renovável.

Somente em 2018, a linha de Financiamento para Energia Solar concedeu R\$ 232 milhões em 2,7 mil operações – quase oito vezes mais operações que no ano anterior.

Atualmente, a carteira do Financiamento para Energia Solar do Sicredi é de R\$ 586 milhões. As contratações têm um valor médio de R\$ 69 mil e o prazo para pagamento é, em geral, de cinco anos. Apenas em julho deste ano, foram concedidos R\$ 60 milhões em crédito nessa linha, em mais de mil operações.

### SICOOB

Os cooperados do Sicoob têm à disposição a linha BNDES Finame Energia Renovável, destinada a empresas, órgãos da administração pública, empresários individuais e microempreendedores, produtores rurais, transportadores autônomos de carga, fundações, associações e cooperativas, pessoas físicas e condomínios. O prazo de pagamento é de até 120 meses, com carência de até 24 meses.

Cooperativas agropecuárias — além de pequenos, médios e grandes produtores — podem ter acesso, ainda, aos programas de financiamento agropecuário do BNDES. As taxas variam de 3% a 8% ao ano, com prazo de pagamento de cinco anos e carência de até 36 meses. Nessa linha, apenas em 2019, foram financiados R\$ 20 milhões, em 133 operações de crédito. ■



# SINAIS DE amor

PARA AJUDAR UM CASAL DE SURDOS A NÃO PERDER NENHUM MOMENTO DA EMOÇÃO DO NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHO, A UNIMED CATANDUVA PROMOVEU UM PARTO COM TRADUÇÃO EM LIBRAS

Por Rita Frazão

Os olhos, atentos, acompanharam cada gesto e cada sinal enquanto o coração de Alani Cristina Melo, de 38 anos, pulsava forte de alegria. A cada segundo que passava, era difícil controlar a emoção. Os meses de preparo tinham ficado para trás e, finalmente, era chegado o momento de trazer uma nova vida ao mundo. Um mundo que, para Alani, é de silêncio.

Surda desde o nascimento, ela cresceu sem ouvir o canto dos pássaros, o barulho do mar ou a voz da própria mãe. Em compensação, aprendeu a prestar atenção nos rostos, nas mãos e nos sentimentos das pessoas. Como a maioria das meninas da sua idade, sonhava casar e ter filhos. E foi em uma partida de vôlei que sentiu o coração bater diferente. Na quadra — jogando, como ela — estava Claudinei Melo, também surdo. Os dois estavam a passeio e se divertiam com o esporte na cidade de Uberaba. Ela ain-



**O casal Alani e Claudinei Melo com a pequena Elaine: parto em Libras repleto de emoção**

da não sabia ao certo quem ele era, mas conseguia afirmar uma coisa: estava apaixonada. “Foi amor à primeira vista”, ela conta, em gestos que vêm acompanhados de um sorriso. E foi aí que tudo começou.

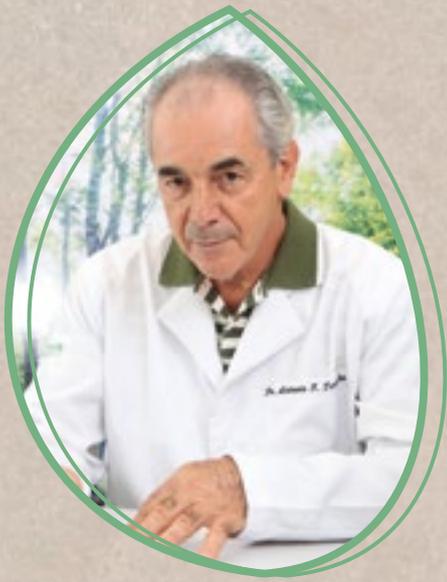
Foram quatro anos de namoro até o casamento, em novembro de 2016. Ambos queriam ter filhos, mas temiam os problemas que viriam. Como ouviriam o bebê chorar? Como saber se tudo estava bem, se não podiam contar com um dos sentidos? Mesmo com medo, decidiram arriscar. Em 2018, Alani engravidou e buscou apoio na Unimed Catanduva (SP). Lá, encontrou tudo o que desejava e muito mais. Sen-



**Primeira foto como marido e mulher**

sibilizada com a história do casal, a cooperativa decidiu fazer um pré-natal 100% inclusivo, com direito a intérprete de Libras até no parto.

“A ideia surgiu, no começo, da necessidade. Precisávamos de uma ponte de comunicação entre os nossos profissionais e o casal. Mas decidimos ir além. A gente via que a alegria das mães, na sala de parto, é escutar o choro da criança. E queríamos que a Alani sentisse a mesma emoção, mesmo sem conseguir ouvir”, explicou o doutor Matheus Schuerewegen, diretor de desenvolvimento da Unimed Catanduva e um dos idealizadores do projeto de intérpretes no parto.



**“DURANTE OS ENCONTROS, O CASAL SEMPRE CONVERSAVA, EM LIBRAS, A RESPEITO DO ASSUNTO.”**

**Antonio Tadeu Tartaglia,**  
*ginecologista e obstetra*



**Cenas de um parto 100% inclusivo e humanizado**

Fotos: Ariane Godói/ Unimed Catanduva



## Primeiro passo

Com a notícia da gravidez, a intérprete de Alani, Diane Martins, inscreveu o casal no curso Bê-á-Bá Bebê, oferecido gratuitamente pela Unimed Catanduva a seus beneficiários e também a pacientes particulares. O curso trata de todas as fases da gestação e do puerpério (pós-parto), e conta com acompanhamento de nutricionistas, assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros e médicos.

Para não perder nenhum detalhe das aulas, Alani e Claudinei contavam com uma intérprete da própria Unimed, Daniela Fernandes Moraes. “Eles eram bem participativos. Sorridentes. Carismáticos e prestativos. Foi uma relação muito prazerosa”, comenta a coordenadora do curso e enfermeira de Medicina Preventiva, Virginia Grandisoli.

A intérprete também acompanhou o casal em todas as consultas de pré-natal, com o ginecologista e obstetra Antonio Tadeu Tartaglia. Foi ele quem respondeu a todas as dúvidas do casal e cuidou da saúde da mãe e do neném, inclusive durante o parto. “A Alani era tranquila e não teve nenhuma complicação durante o pré-natal. Eu só brincava com ela a respeito do peso, pois ela era muito magrinha. Fiz uma dieta regada a vitaminas e ela seguiu certinho, sem nenhum problema”, explica o médico.

Há quase 30 anos na profissão, Tartaglia revela que um dos momentos mais emocionantes dessa gestação foi a revelação do sexo do bebê. “Durante os encontros, o casal sempre conversava, em Libras, a respeito do assunto. Era curioso. Normalmente, as mães têm o instinto aguçado para acertar. A Alani sempre dizia que era uma menina e o pai, um menino. Até que se confirmou”, diz o dr. Antonio.

# O parto

Dia 8 de maio de 2019. A emoção tomou conta de todo o centro cirúrgico do Unimed Hospital São Domingos (UHSD), que pertence à Unimed Catanduva. Médicos, enfermeiros e toda a equipe técnica aguardavam, ansiosamente, a chegada da pequena Elaine Cristina, filha de Alani e Claudinei. Era a primeira vez que um parto seria traduzido em Libras no hospital. Os olhares, curiosos, entregavam o anseio da equipe: como seria feita a tradução em Libras de um momento tão especial?

Com mais de 20 anos atuando como intérprete da linguagem dos sinais, a arte-educadora Nani Oliveira ficou encarregada de transmitir ao casal toda a emoção do que estava acontecendo. Desde a aplicação da anestesia até a chegada de Elaine ao mundo.

“Mágico” é a palavra com que Nani define todo o parto. Foi a primeira vez que ela assistiu e realizou a cobertura de um nascimento em Libras. “Nunca presenciei um momento de tanto amor. Imagine a emoção de poder transmitir a uma mãe o primeiro choro de sua filha e descrever como era forte e vigoroso. Chorei por estar ali. Aquele momento foi um presente para mim e para todos”, relata Nani, emocionada.

Alani chorou junto à intérprete quando entendeu os sinais. Claudinei, que também estava na sala de cirurgia, se emocionou. “A minha filha é linda”, gesticulou, em sinais.

Para os médicos, o momento foi de comoção e felicidade.



Fotos: Lulu Lopes

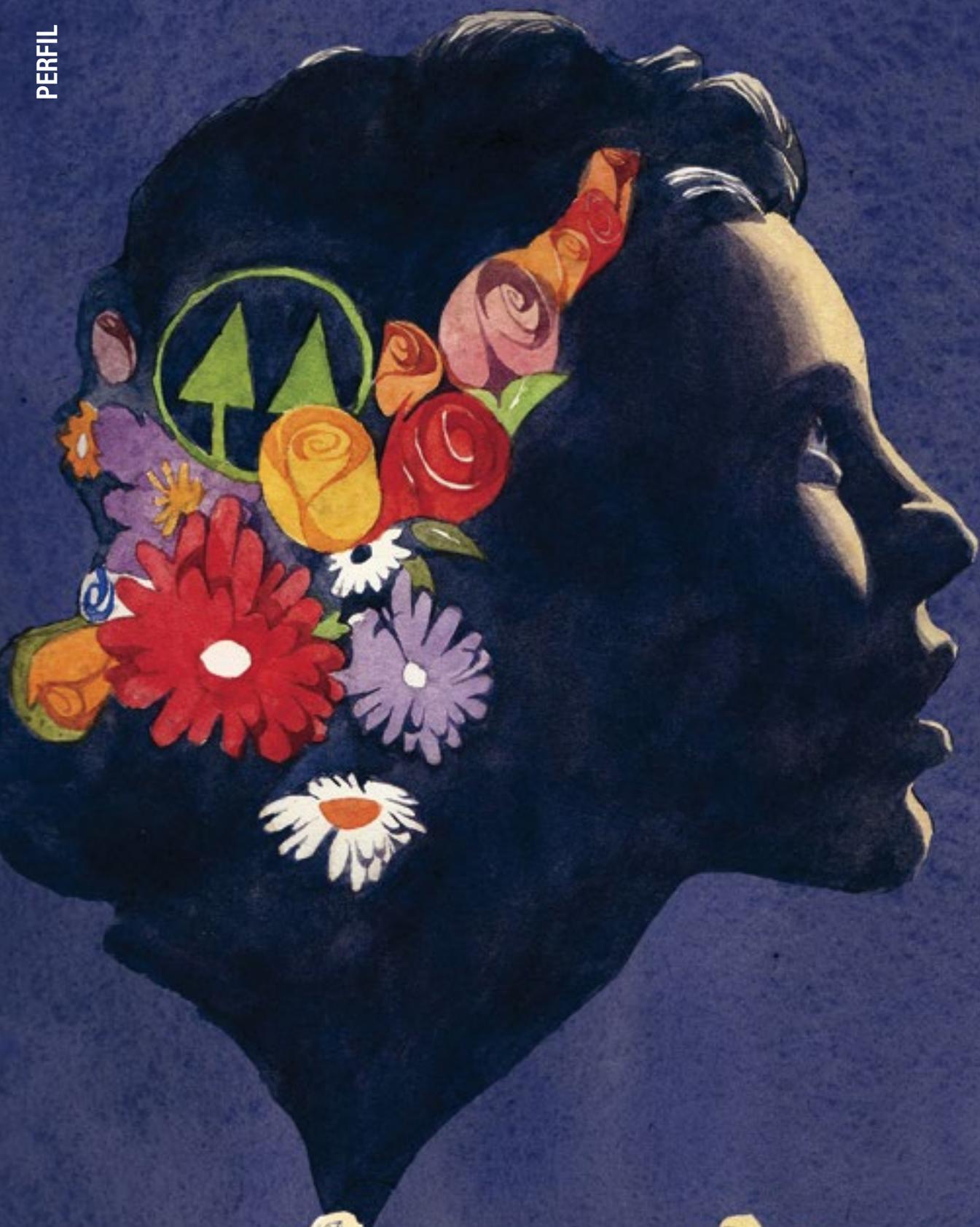


“Eu me arrepio só de lembrar”, recorda o obstetra. A mamãe Alani concorda e, com as mãos, acrescenta: “Tudo isso, pra mim, é um sonho que se tornou realidade. Eu tenho a minha família agora”.

Elaine nasceu com 48 centímetros e pesando 3,2 quilos. Uma menina saudável, que escuta perfeitamente. Por ter pais surdos, será educada em duas linguagens: a verbal (português) e a não verbal (Libras). E você, meu caro leitor, não precisa se preocupar com o choro de Elaine. Ele é sempre ouvido, em alto e bom som, pela avó paterna, Hilda de Oliveira. Assim que a menina nasceu, ela se mudou para a casa do filho, com o objetivo de ajudar a cuidar da netinha. É mais um sinal de amor.

Depois da experiência de atender à família de Alani e Claudinei, a Unimed Catanduva decidiu ampliar o atendimento em Libras da unidade. A cooperativa iniciou, neste ano, o curso Mãos que falam, voltado para a capacitação de seus cooperados. A assistente social da Unimed Catanduva Melina Borges foi quem conduziu a primeira turma e ressaltou a importância da prática de inclusão. “É uma iniciativa que agrega valor e que inclui vidas. Não dá para vivermos em uma realidade onde a gente espera que os surdos façam a adaptação por si só”, explica a assistente. ■





# UMA POR

# Todas

CONHEÇA A FORÇA  
DA MULHER  
COOPERATIVISTA A  
PARTIR DA HISTÓRIA  
DE CECÍLIA,  
UMA TRABALHADORA DA  
C. VALE QUE ROMPEU  
O CICLO DE VIOLÊNCIA  
DOMÉSTICA AO  
ENCONTRAR APOIO NO  
COOPERATIVISMO

**Cecília\***,  
cooperada da C. Vale

----  
\* O nome da personagem  
foi alterado para preservar a  
identidade da cooperativista,  
por questões de segurança.

Por Karine Rodrigues

Cecília\* é uma mulher que representa muitas. Como tantas de nós, foi criada para ser obediente ao pai, ao irmão, ao marido e — um dia — também aos filhos. Como 70% das mulheres do mundo, foi vítima de algum tipo de violência no decorrer da vida apenas por pertencer ao sexo feminino. Foi ameaçada de morte por um marido, desqualificada por outro e sexualmente abusada na infância. Mas, apesar disso tudo — como cada vez mais mulheres —, conseguiu romper esse ciclo de violência antes que fosse tarde demais. E fez isso com a ajuda do cooperativismo.

“O cooperativismo me salvou”, disse a jovem, que prefere manter o verdadeiro nome em sigilo para proteger a si mesma e ao filho de três anos.

“A independência financeira da mulher é o caminho para o fim da violência! E eu consegui essa independência graças ao cooperativismo. Quis contar minha história para outras mulheres se sentirem fortalecidas também e perceberem que podem andar com as próprias pernas e saírem disso”, reforça.

Cecília teve o direito de ser criança roubado pela violência. Com menos de 5 anos, teve de passar a noite no meio de um matagal, ao lado da mãe e do irmão mais velho. Eles fugiam das ameaças do pai, que prometia, aos gritos, matar a esposa. A separação veio logo, mas a paz, não. Em vez de o divórcio livrá-la da violência, o novo casamento da mãe tornou-se sinônimo de flagelo para a garota. Aos oito anos, ela entrou para uma assustadora estatística: 53,8% das mulheres vítimas de estupro têm até no máximo 13 anos, segundo o Fórum Brasileiro de



Segurança Pública (FBSP). O padrasto começou a abusar sexualmente da menina. Por medo, ela não contava nada para ninguém, mas sentia que aquilo não estava certo. Queria ir embora daquele lugar. Escapar. E foi.

## Rota de fuga

Antes de completar 16 anos, Cecília foi morar com um homem 24 anos mais velho. Viveu sob três meses na mira das ameaças que o parceiro dirigia a ela. “Apronta comigo pra ver...”, a intimidação chegava com acusações de infidelidade. Ele até comprou um revólver e avisava: uma das três balas da arma seria usada para matá-la. O corpo — ameaçava — seria jogado em poço e ninguém sentiria falta ou procuraria por ela. Apavorada, ela fugiu outra vez. Como vivia no sul do Paraná, atravessou a divisa com o Paraguai e morou por um ano em um abrigo em Assunção, capital do país. Depois, precisou voltar para o Brasil. O único lugar que tinha para ir era a casa da mãe, onde também morava o padrasto, que voltou a atormentá-la.

Precisava sair dali de vez. Em troca de muito pouco, trabalhava como diarista em casas de família. Foi onde conheceu o segundo companheiro, também mais velho. Em menos de um mês, partiu para uma vida a dois com ele. Outra fuga, na esperança de ressignificar o conceito dolorido de família que tinha até então. O agora marido tratava-a bem. E assim foi por alguns meses, até mudar gradativamente de comportamento. Era só aparecer uma oportunidade de briga que o homem a metralhava com

xingamentos e humilhações. Munia-se com os episódios de tormento vividos por ela na infância para atacá-la nos pontos de vulnerabilidade. A jovem tinha confiado e aberto a vida para o companheiro. “Migalha” era como ele a chamava; alguém que não prestava e não servia para nada. Ouvir aquilo não causava estranhamento, pois não era a primeira vez. Parecia normal. Apenas uma briga de casal.

Um dia, o insulto veio acompanhado da mão erguida. Um empurrão desnor-teou o corpo da moça e do outro ser que ela gestava. A barriga saliente na roupa apontava uma gravidez. Ela o encarou e indagou: “Vai me bater grávida? Não pensa no seu filho?”. Ele recuou. Ela engoliu a seco, pensou no filho e deixou a lamúria presa na garganta.

Era sempre assim depois das brigas: o discurso repetido das reconciliações vinha na voz dele em tom ameno e manso. O rapaz pedia desculpas, mostrava-se arrependido e prometia que não aconteceria outra vez. Ela ponderava e eles seguiam juntos.

O filho nasceu. Cecília se recuperava do parto quando descobriu uma traição. Ela questionou o marido sobre o caso e, em resposta, teve o rosto acertado por socos contínuos. A primeira agressão física. Ele a puxava pelos cabelos, jogava-a no chão e socava-a mais. O resultado foi o rosto e o corpo roxos, além de um corte na cabeça e mais marcas invisíveis a olho nu.

Foi a chegada de uma vizinha que pôs fim à agressão. Machucada, ela catou o recém-nascido nos braços e foi para a casa de uma das poucas pessoas que conhecia — a irmã dele —, que aconselhou: “você devia perdoá-lo”. Sem emprego e sem o apoio de parentes ou amigos, ela decidiu voltar. Mas não voltou só. Carregou consigo um princípio de valentia e o desejo de arrumar um emprego.





## Vida nova

Cecília voltou para o marido, mas começou a buscar uma saída para si. Entregou dois currículos, a contragosto do cônjuge, que ordenou: "Não entregue mais nenhum. Se te chamarem para algum desses empregos, tudo bem, você pode trabalhar". Ela acatou e depositou todas as esperanças nesses pedaços de papel. Foi chamada para uma única entrevista, na C. Vale, cooperativa agroindustrial com atuação no Paraná, em Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, no Rio Grande do Sul e Paraguai.

Chegando à cooperativa, encontrou outras oito candidatas. Acostumada a ser desvalorizada, não achou que tivesse chance. Voltou para casa desesperançada, mas, alguns dias depois, o telefone tocou. Tinha conseguido o emprego e começava a suspeitar de que era capaz de sonhar e alcançar as metas pretendidas.

"A cooperativa não sabia que estava me salvando quando me estendeu a mão", diz Cecília, agradecida. Isso acontece porque a dependência financeira das vítimas em relação aos parceiros é um dos fatores determinantes para a manutenção dos ciclos de violência, que aprisionam mulheres: 47,3% das que vivem em situação de violência não desenvolvem atividades remuneradas e permanecem dentro de seus

próprios lares. Normalmente, no papel de cuidadoras do lar.

Além disso, entre as formas de violência caracterizadas pela Lei Maria da Penha (nº 11.340/2006), está a patrimonial, definida "como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos". O controle de finanças pelo parceiro pode, portanto, ser considerado uma forma de violência; a independência financeira é um caminho para rompê-la.

"Ao oferecermos um emprego com todos os benefícios, como vale-alimentação e plano de saúde, a gente empodera e fortalece mulheres que estejam passando por uma situação assim. Isso pode mudar vidas", destaca Sara Ferneda, assessora de imprensa da C.Vale, que virou amiga de Cecília. Admiradora da força da colega, Sara fez questão de contar a história da moça na revista da cooperativa, para sensibilizar as pessoas sobre o problema da violência doméstica. "Embora a gente nem sempre saiba que uma colega é vítima de violência, o fato de ela fazer parte de uma rede cooperativista faz toda a diferença. Aqui, cuidamos uns dos outros e nos preocupamos com o bem-estar de todos os cooperados e colaboradores."

**"AS MULHERES,  
QUANDO CONSEGUEM  
TRABALHAR E SER  
INDEPENDENTES,  
GANHAM FORÇA,  
PORQUE TÊM O SEU  
DINHEIRO E SABEM  
QUE VÃO CONSEGUIR  
SUPERAR QUALQUER  
SITUAÇÃO."**

**Cecília,**  
cooperada da C. Vale



## Ponto final

Antes de recomeçar a vida — longe da opressão do marido —, Cecília ainda teve de enfrentar uma nova agressão. Inconformado com a possibilidade de a esposa ser independente financeiramente, ele passou a implicar com a recém-contratada funcionária da C. Vale. “Está se maquiando para outros homens!”, acusava. Ela respondia que não. Só gostava de sentir-se bonita. Quando ele a ameaçava, a resposta estava na ponta da língua: “Encosta um dedo em mim e eu me separo de você”. Agora empregada, ela tinha condições de cumprir a promessa — o que trouxe certa tranquilidade para a família, sem episódios de violência física por algum tempo. Até “aquela” sexta-feira.

Era madrugada. Três horas da manhã. O casal chegou em casa, depois de ir junto a um bar. Ele queria continuar a diversão entre quatro paredes, ela queria dormir. Incapaz de ouvir um não, ele começou a agredi-la. A moça correu para o quarto do filho. Apoiou o corpo sobre a porta sem tranca, enquanto o marido ameaçava arrombá-la. “Vou derrubar no 3! 1, 2...”. Ela acordou o menino, encaixou-o nos braços, abriu a janela e pulou com a criança no colo antes de o agressor chegar ao três. Lá embaixo, encontrou o portão trancado e pulou o muro, em direção à casa da vizinha. Quando o dia clareou, passou na antiga casa. Enquanto o homem dormia, catou o celular, uma mala de roupas para o bebê e um par de roupas do varal. Partiu para o mundo. Tinha muita vida para conquistar.



## Recomeço

Não demorou muito para as mensagens de texto dele lotarem o visor do celular dela. Passou a persegui-la e a ameaçá-la. “Você é minha propriedade e vou te levar amarrada para casa!”, escrevia. Apoiada por algumas companheiras de trabalho que sabiam sua história, ela decidiu denunciar o marido. Hoje, tem uma protetiva contra ele e está em processo de divórcio. Tem um lar e consegue pagar as contas. Mas, vale reforçar: essa história poderia não terminar assim. “Se não estivesse trabalhando na C. Vale, ainda estaria casada e sofrendo violência. O cooperativismo me fez um bem muito grande!”

Embora não conheça Cecília pessoalmente, o presidente da C. Vale, Alfredo Lang, orgulha-se de ter dado à moça uma oportunidade de refazer a própria vida. “A gente entende que uma cooperativa precisa ser competitiva para conseguir sobreviver, mas esse não deve ser o seu único propósito. Você precisa gerar oportunidades para as pessoas melhorarem de vida, crescerem profissionalmente. Sem isso, de que vale uma cooperativa forte?”





Vale mais o que você faz em favor dos outros e não em favor de si mesmo; esse é o legado que uma cooperativa deve deixar!”, argumenta.

É importante esclarecer que essa não é uma história sobre violência contra a mulher, ou apenas sobre isso. Essa é a história de uma mulher que conseguiu mudar de vida quando encontrou uma oportunidade de emprego e renda. Tudo o que ela precisava era de uma chance de conquistar sua independência. Para erguer-se. Para retomar a dignidade que um dia lhe foi tirada.

Olhar para trás é doloroso, mas Cecília respira aliviada e até com certo orgulho, pois consegue dizer para si mesma: “Eu consegui, e vou conseguir muito mais daqui para a frente! Quero ir mais longe”. A moça, de apenas 23 anos, retomou os estudos, pretende formar-se e, um dia, tornar-se uma advogada, para defender a causa de mulheres em situação de violência. “É o meu sonho”, projeta. A jovem também aspira conquistar a casa própria, para viver melhor com o filho e oferecer para ele tudo o que não teve na infância. Hoje, pode atribuir a si um adjetivo antes impensado: livre.

## A luta é global

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), no mundo, estima-se que cerca de 70% das mulheres sofrem algum tipo de violência. É mais provável que uma mulher, entre 15 e 44 anos, seja abusada sexualmente e sofra violência doméstica do que desenvolva um câncer, contraia malária ou sofra um acidente de carro, segundo o Banco Mundial.

No Brasil, no ano de 2018, somente o Ligue 180 (Central de Atendimento à Mulher) recebeu 92.663 denúncias de violações contra mulheres, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). E esses números podem ser ainda maiores, já que considera-se que apenas 10% dos casos de violência contra as mulheres sejam notificados no país.

Um dificultador é um problema social privado ao lar: 78,6% das ocorrências de violência acontecem dentro da residência da vítima, de acordo com o *Atlas da Violência de 2018*, realizado pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). E, em 73% dos casos, os agressores são companheiros ou ex-companheiros, segundo o DataSenado (2015), realizada pelo Senado Federal. ■



**INTEGRAÇÃO  
EM NOME DO**

*vinho*





## **DELEGAÇÃO DE COOPERATIVAS BRASILEIRAS VISITA A ARGENTINA DE OLHO EM PARCERIAS REGIONAIS**

Por Luana Lourenço

Imagine 10 mil piscinas olímpicas cheias de vinho, o equivalente a 24,8 bilhões de litros. Esse foi o consumo mundial da bebida no ano passado, segundo a Organização Internacional da Vinha e do Vinho. Para garantir espaço e ampliar a participação nesse mercado, cooperativas vitivinícolas do Brasil e da Argentina pretendem unir forças, especialmente frente aos desafios que podem ser impostos ao setor pelo acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia. O tratado — acertado entre os blocos em junho e em fase de negociações para a implementação definitiva — terá impactos diretos sobre o comércio de vinhos no continente sul-americano por causa do fim das tarifas aos produtos europeus.



**Intercâmbio cooperativo:**  
comitiva brasileira foi à  
Argentina conhecer modelo de  
intercooperação vitivinícolas

*O grupo reuniu representantes da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB); do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; da Federação das Cooperativas Vinícolas do Rio Grande do Sul (Fecovinho), e de algumas das maiores cooperativas vinícolas do país: Aurora, Nova Aliança e Garibaldi.*

No campo do cooperativismo, inexistente rivalidade entre Brasil e Argentina. Ao contrário: o espírito é de total colaboração. A **comitiva brasileira** visitou as províncias argentinas de Mendoza, San Juan e La Rioja — entre os meses de julho e agosto — para conhecer cooperativas de sucesso na região e discutir estratégias de intercooperação com produtores e autoridades daquele país. O convite partiu dos *hermanos*, mais especificamente do Instituto Nacional de Associativismo e Economia Social (INAES) e da Confederação Nacional Intercooperativa (Coninagro). A missão foi realizada no âmbito da Reunião Especializada de Cooperativas do Mercosul, que está sob a presidência temporária do Brasil.

Segundo o superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile, a

viagem foi o ponto de partida para futuras parcerias e projetos em conjunto do setor cooperativista de vinho dos dois países. “As cooperativas já se conheciam e a missão foi um estreitamento disso, um fortalecimento dessa relação. Depois disso, vão se desdobrar acordos bilaterais e no âmbito do Mercosul para tratarmos de produtos, sejam comerciais ou tecnológicos.”

O secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Fernando Schwanke, acrescenta: “O apoio institucional da OCB mostrou que as cooperativas que participaram têm o respaldo da organização que as representa no país. E a participação do ministério levou o apoio político-governamental para essa relação, foi muito importante irmos juntos”.

# Gigante cooperativista

Nosso intercâmbio ao universo dos vinhos argentinos começou na cidade de Mendoza, berço do mais famoso dos vinhos da Argentina, o malbec. Com paisagens de cartão-postal e vinhedos aos pés da Cordilheira dos Andes, a província é responsável por mais de 75% da produção argentina de vinhos.

É nesse cenário que está instalada a sede da Federação de Cooperativas Vitivinícolas da Argentina (Fecovita), uma cooperativa de **segundo grau** que reúne 29 singulares, num total de 5 mil produtores e mais de 25 mil hectares de vinhedos espalhados em várias províncias do país. Com 30% do mercado nacional, essa gigante cooperativista comercializa 260 milhões de litros da bebida por ano, com mercado em 20 países.

*São as chamadas centrais ou federações compostas por, no mínimo, três cooperativas singulares (de primeiro grau). A central opera como uma nova cooperativa, cuja função principal é ajudar suas singulares a ganhar escala, reduzir custos ou compartilhar infraestrutura e/ou serviços.*

A capilaridade da Fecovita chamou a atenção do vice-presidente da Cooperativa Agroindustrial Nova Aliança, Joel Panizzon, integrante da comitiva brasileira. Apesar das diferenças comerciais entre os dois países, ele acredita que o exemplo da cooperativa de segundo grau argentina pode influenciar os produtores da Serra Gaúcha a se unirem para ganhar mercados. “Me pareceu que eles são mais unidos, até pelas necessidades do país deles. Mas acho que a união de cooperativas de vinho será um caminho também no Brasil, principalmente para os pequenos produtores”, analisa. Segundo Panizzon, o mercado brasileiro de vinhos ainda tem muito espaço para crescer. “Hoje, o consumo per capita de vinho no Brasil é de dois apenas litros por ano, e nada impede que o cooperativismo assuma essa liderança.”

## Intercooperação

Fundada em 1980, a Fecovita também chamou a atenção da comitiva brasileira por estratégias comerciais como a compra coletiva de insumos e a organização do quadro social de cooperados. O presidente da Cooperativa Vinícola Garibaldi, Oscar Ló, destaca o fato de eles compartilharem custos para obterem melhores resultados. “Eles compram a partir de uma central, tanto insumos para os produtores de uva quanto produtos enológicos para as cooperativas associadas”, compara.

Outra boa prática aprendida nesse intercâmbio está relacionada ao trabalho de campo da equipe técnica da Fecovita com seus cooperados. “As cooperativas argentinas conquistaram um patamar de relacionamento e credibilidade com os seus cooperados que gostaríamos de ver replicada aqui no Brasil”, acrescenta o presidente da Cooperativa Vinícola Aurora, Itacir Pozza.

Anfitrião da visita, o presidente da Fecovita, Eduardo Sancho, destacou a troca de experiências possibilitada pela missão técnica e elogiou o sistema cooperativista brasileiro, que, segundo ele, tem mais apoio institucional e condições de financiamento muito mais favoráveis que em seu país.



**“O QUE PRECISAMOS  
AGORA É DE EQUIDADE;  
COM CONDIÇÕES IGUAIS,  
NÃO TEREMOS PROBLEMAS  
DE ENFRENTAR OS VINHOS  
EUROPEUS.”**

**Oscar Ló,**  
*presidente da Cooperativa Vinícola  
Garibaldi (RS)*



“Nos interessa muito o modelo financeiro que existe no Brasil, em que se favorece o sistema cooperativo. Na Argentina, as caixas de crédito e o financiamento para as cooperativas são muito limitados. Temos de entrar diretamente no sistema bancário, o que é muito burocrático e complicado, principalmente para os pequenos produtores. No Brasil há um sistema muito mais acessível e que funciona muito bem, o que permitiu um desenvolvimento muito mais forte das cooperativas brasileiras”, avalia o argentino.

Para o diretor executivo da Fecovinho, Helio Marchioro, a instabilidade econômica enfrentada pela Argentina ao longo de sua história foi um dos motores que fortaleceram o cooperativismo local. Uma lição que pode inspirar os empreendimentos brasileiros. “Nossos cooperados, por meio da união, ficaram fortes; e porque são fortes, conseguem sobreviver. Graças à intercooperação, eles mantêm mercados que permitem que eles estabeleçam uma relação interna de cooperação e externa de competitividade.”

## *Comércio justo*

Ao Norte de Mendoza, em uma região mais árida em que a paisagem vai de montanhas a desertos, a comitiva brasileira visitou a sede da Cooperativa La Riojana, instalada em Chilecito, na província de La Rioja. Criada em 1940, a entidade é reconhecida pela implementação de práticas de comércio justo e pelo desenvolvimento sustentável, que a levaram a ser a primeira cooperativa vinícola argentina a receber a certificação internacional Fairtrade, que atesta o compromisso da entidade em praticar preços justos e a remunerar com equidade todos os membros da cadeia produtiva, sem — com isso — onerar o consumidor.

Hoje, mais de 85% do vinho exportado pela La Riojana tem o selo Fairtrade. Cada litro de vinho certificado vendido para o exterior garante à cooperativa um bônus por comércio justo que compõe um fundo investido em projetos que beneficiam as comunidades onde vivem as famílias produtoras cooperadas.

“O que vimos na La Riojana foi um exemplo da real função do cooperativismo, que é ajudar a atender a quase todas as necessidades de seus sócios. Eles são um exemplo de cooperativismo voltado para o social, para as pessoas; até pelas condições dos cooperados, eles acabam tendo projetos escolares, de saúde. Você vê na prática que o cooperativismo é um modelo interessante, um modelo justo”, destaca Joel Panizzon, da Cooperativa Nova Aliança.

Outro diferencial da La Riojana é a utilização de uva de vinhedos próprios — e não apenas a compra de outros produtores — e a diversificação do negócio, com produtos que vão além do vinho. “Além da produção dos associados, eles plantam uma grande parte da uva; isso faz com que consigam ser mais competitivos no mercado. E também plantam oliveiras e vendem azeite de oliva, pluralizam seus negócios, isso é muito bom porque não ficam somente com um tipo de produto”, destaca o presidente da Aurora, Itacir Pozza.

Além de visitar plantas industriais e projetos do setor vitivinícola, durante a missão técnica, a comitiva brasileira conheceu outra experiência cooperativista argentina, a Federação de Cooperativas Agropecuárias de San Juan (Fecoagro), que reúne 30 entidades e representa 650 famílias de pequenos produtores.

As cooperativas que integram a Fecoagro dedicam-se à produção de sementes de polinização aberta e não modificadas geneticamente, e também de doces e conservas artesanais. Por meio da federação, os cooperados passaram a ser os únicos fornecedores de sementes para um programa federal de estímulo à criação de



hortas entre a população pobre da Argentina, além de vender diretamente os produtos para vários municípios do país.

## Acordo Mercosul-Europa

Entre visitas a vinhedos e cooperativas, um assunto dominou as conversas entre brasileiros e argentinos: o acordo de livre-comércio recém-assinado entre o Mercosul e a União Europeia. Fechado após mais de 20 anos de negociação, o tratado vai zerar as tarifas de exportação e importação de produtos dos blocos. A entrada em vigor do acordo ainda depende de aprovação pelos Parlaentos de todos os países envolvidos.

No caso dos vinhos, que têm até um anexo específico no tratado, o acordo prevê que as tarifas de importação de vinhos europeus sejam zeradas em até 12 anos. Atualmente, o imposto sobre essas

bebidas chega a 27%. Com a isenção, a expectativa é de que os vinhos do Velho Mundo ganhem mais espaço nas prateleiras dos países do Mercosul, ameaçando as indústrias nacionais.

Durante a longa negociação entre os blocos, algumas medidas relacionadas ao setor de vinhos foram acertadas para evitar prejuízos mais drásticos aos sul-americanos, como a proibição da redução de impostos para vinhos a granel, mostos e sucos de uva. O Itamaraty também estuda um prazo maior para a derrubada das tarifas de importação de alguns produtos, como os espumantes de mais de US\$ 8 o litro.

Apesar dessas precauções, produtores sul-americanos alertam que — se nada for feito para equilibrar o cenário atual — a concorrência será desleal, já que o vinho europeu é fortemente subsidiado. “Tanto no Brasil quanto na Argentina, não temos praticamente nenhum subsídio para o setor, enquanto o vinho europeu tem um subsídio muito grande, ou seja, vamos concorrer com desiguais.

O que precisamos agora é de equidade; com condições iguais, não teremos problemas de enfrentar os vinhos europeus”, pondera Oscar Ló, da Garibaldi.

“Produtores mundiais de vinhos são mesmo os europeus; nós e os argentinos somos pequenos perto deles. Vamos ter que melhorar ao máximo nosso setor, reduzir custos, otimizar recursos, e essa união com a Argentina, e também com o Uruguai, pode ser uma alternativa para juntos chegarmos a uma concorrência justa com os europeus”, acrescenta Panizzon, da Nova Aliança.

## Em busca de equilíbrio

Diante da preocupação do setor, o governo brasileiro já acenou com medidas compensatórias, com a criação um fundo para financiar a renovação dos parreirais e outras melhoras estruturais e logísticas da cadeia produtiva do vinho no país. Os recursos do fundo deverão vir de impostos cobrados atualmente sobre a bebida.

Do lado argentino, as cooperativas vitivinícolas também veem com preocupação a abertura do mercado para os vinhos europeus e esperam uma resposta institucional de seu governo para fortalecer os produtores locais e garantir competitividade com os importados da Europa. “É uma situação complicada, porque sim, o acordo tem suas vantagens, mas também seus problemas, porque estamos falando de uma aliança com o bloco mais importante na produção mundial de vinhos”, avalia Eduardo Sancho, presidente da Fecovita.

Além da vantagem comparativa dos produtores europeus por causa dos subsídios que recebem, outro ponto que deixa os sul-americanos em alerta é a desigualdade de condições de financiamento entre os dois blocos regionais — muito menos atrativas nos países do Mercosul que na Europa. “Nossos países terão de se adaptar a sistemas de financiamento mais de acordo com as necessidades da atividade vitivinícola. Por exemplo, um vinhedo requer vários anos para começar sua produção, e precisa de investimentos grandes, e depois há também os investimentos nas vinícolas. Os produtores da União Europeia têm financiamentos de dez, 15 ou 20 anos, e com taxas baixas, o que os faz bastante competitivos”, compara Sancho.

## Desafios e oportunidades

Apesar das ressalvas, brasileiros e argentinos avaliam que o acordo com a Europa, se garantidas as condições de competitividade, também pode ser uma oportunidade de fortalecimento da cadeia vitivinícola, tanto intra-Mercosul como para a expansão a outros mercados.

“O acordo muitas vezes é visto como uma ameaça pelo setor vitivinícola brasileiro e também argentino, mas também tem as oportunidades estabelecidas na medida em que podemos usar as experiências, as competências, os parques industriais estabelecidos na Argentina e também aqui no Brasil, para intercooperação”, pondera o superintendente da OCB, Renato Nobile. Um exemplo

é a possibilidade, discutida durante a missão técnica, de atuação conjunta entre a Central das Cooperativas da Serra Gaúcha (Cenecoop) — que reúne Garibaldi, São João, Nova Aliança e Cooperativa Pradense — e a Fecovita para comercialização de concentrado de uva, utilizado como base para outros produtos.

“Podemos ter, então, negócios feitos juntos numa forma de intercooperação comercial, minimizando custos e otimizando processos, e eventualmente vamos colocar lá na Europa um produto brasileiro-argentino ou argentino-brasileiro, um produto do Mercosul nas gôndolas dos mercados da Itália, da França”, acrescenta Nobile.

## Luz amarela

Para o secretário Fernando Schwanke, do Mapa, o tratado com a Europa acendeu uma “luz amarela” para os produtores sul-americanos, que pode ser positiva para fomentar novas parcerias comerciais. “O setor começou a olhar quais são seus pontos fortes no Mercosul e onde a gente pode se ajudar comercialmente. Então houve uma conversa muito intensa entre as cooperativas nesse sentido, durante a missão técnica, e isso para nós é extremamente salutar, porque não estamos falando de uma competição entre Argentina e Brasil, estamos falando de aliar forças para competir no mercado mundial”, destaca.

A efetiva tarifa zero sobre os vinhos europeus deve entrar em vigor cerca de oito anos após a assinatura formal do tratado. No entanto, segundo Marchioro, da Fecovinho, os produtores locais não podem demorar a se organizar para reagir. “Pelos previsões

**“O SETOR [DE VINHOS] COMEÇOU A OLHAR  
QUAIS SÃO SEUS PONTOS FORTES NO  
MERCOSUL E ONDE A GENTE PODE SE AJUDAR  
COMERCIALMENTE. NÃO ESTAMOS FALANDO DE  
UMA COMPETIÇÃO ENTRE ARGENTINA E BRASIL,  
ESTAMOS FALANDO DE ALIAR FORÇAS PARA  
COMPETIR NO MERCADO MUNDIAL.”**

**Fernando Schwanke,**  
*secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo do  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

que temos, o impacto maior se dará a partir do oitavo ano do acordo, mas não podemos ficar deitados em berço esplêndido nesse período. No momento em que for definitivamente assinado o acordo, já estaremos sofrendo esse impacto porque as ações comerciais não se dão em cima de uma lei firmada, um carimbo, a economia funciona por sensações mercadológicas.”

O acordo de livre-comércio Mercosul-União Europeia voltará a ser discutido multilateralmente pelo setor do vinho durante a reunião prévia do Fórum Mundial das Cooperativas Vitivinícolas, que ocorrerá em outubro, em Mendoza, e terá representantes de cooperativas europeias — entre elas, da França, Espanha e Itália — e sul-americanas — incluindo as do Chile.

O encontro na Argentina será uma preparação para a reunião anual do fórum, quem em 2020 será realizada na Itália (em abril). “Esse certamente será um tema que vamos discutir para ver como nos favorecer em conjunto, tanto as cooperativas da Europa quanto as do Mercosul. Até abril vamos ter mais informações sobre o que terá avançado no acordo e teremos uma agenda de trabalho mais ampla”, analisa o argentino Eduardo Sancho, da Fecovita. ■



# Um selo, MUITAS

MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA  
AMPLIA O ACESSO  
DAS COOPERATIVAS  
AO PROGRAMA SELO  
COMBUSTÍVEL SOCIAL  
E DEVE INSERIR  
40 MIL AGRICULTORES  
FAMILIARES NA LISTA  
DE FORNECEDORES  
DE BIODIESEL



# OPORTUNIDADES

Por Patrícia Portales

*Certificação concedida às indústrias produtoras de biodiesel que cumpram três requisitos, previstos na legislação:*

- *Comprovar a aquisição de matéria-prima da agricultura familiar;*
- *Realizar contratos prévios de compra, dando ao agricultor a garantia de venda da produção; e*
- *Oferecer — por conta própria ou em parceria com as cooperativas — serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), seguindo os parâmetros definidos pelo governo federal.*

*Em contrapartida, essas indústrias têm reserva de 80% do mercado de biodiesel, além da redução de alguns impostos.*

O mercado brasileiro de biocombustível — produzido com produtos de origem vegetal ou animal — está de portas abertas para o cooperativismo. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) acaba de ampliar o acesso das cooperativas ao Programa **Selo Combustível Social**, criado em 2005 com dois objetivos: 1) fomentar a inclusão social e produtiva da agricultura familiar; 2) estimular a produção de biocombustíveis no país — fonte de energia sustentável, que reduz a emissão de gases poluentes (CO<sub>2</sub>) na atmosfera.

Hoje, cerca de 123 cooperativas já estão habilitadas a participar do programa como fornecedoras de matéria-prima para a indústria do biodiesel. Em 2018, 61 mil agricultores produziram 3,9 milhões de toneladas de matérias-primas para o Selo Combustível Social — incluindo soja, mamona e óleos vegetais. As aquisições totalizaram R\$ 5,1 bilhões em 2018. Os dados são do Mapa.

Com a publicação das Portarias nº 144 e nº 174 — ambas do Mapa, de 2019 — estima-se que outros 40 mil agricultores sejam incluídos, por meio de suas cooperativas, na lista de fornecedores do Programa Selo Combustível Social. A medida flexibilizou as regras de concessão da certificação que identifica as cooperativas habilitadas a participarem desse programa.

Antes da nova regulamentação, as cooperativas interessadas em participar do programa deveriam necessariamente possuir a DAP Jurídica. A partir de agora, passa a valer a regra da proporcionalidade nas compras. “Se uma cooperativa tiver 30% de pequenos produtores com registro de DAP Física em seu quadro social, ela poderá participar com esses mesmos 30% de agricultores no Programa Selo Combustível Social”, explica o secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Mapa, Fernando Schwanke. Já para obter a DAP Jurídica, basta ter 50% +1 de cooperados, com as respectivas declarações de aptidão ao Pronaf.

Segundo o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, o antigo limite imposto para a DAP Jurídica deixava dezenas de cooperativas fora do mercado de biocombustíveis, prejudicando milhares de pequenos agricultores cooperados. Isso porque dificilmente uma indústria compra matéria-prima diretamente do pequeno produtor, pela dificuldade de operacionalizar essa aquisição. “Se optasse por realizar compras individuais, com o pequeno produtor, a indústria precisaria lidar com todas as questões relacionados à coleta do produto, à logística da entrega e à assinatura de centenas de contratos de compra e venda. Para esse público, é muito mais fácil negociar grandes quantidades diretamente com uma cooperativa, até por conta da padronização da qualidade dos produtos negociados”, completa o presidente.

## Vantagens para todos

O Selo Combustível Social é um programa que beneficia toda a cadeia produtiva do biocombustível. As indústrias que recebem a certificação, além do marketing social, têm garantia de venda. Isso porque a legislação prevê que 80% de todo volume de biocombustível adquirido pela Agência Nacional de Petróleo (ANP) seja proveniente de empresas que possuam esse selo. Já os fornecedores de matéria-prima são beneficiados pela assinatura antecipada de contratos de compra e venda. Com isso, os agricultores habilitados a participar do programa têm a certeza de que conseguirão escoar a produção, antes mesmo de iniciar a colheita.

Mas a grande vantagem destacada por especialistas do setor para os nossos cooperados são os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) oferecidos pela indústria de biocombustível a quem eles fornecem matéria-prima. Por lei, todos os agricultores que participam do programa têm direito a receber em contrapartida uma assistência técnica, por parte da cooperativa ou da indústria. Com isso — além de vender seus produtos com antecedência —, terão condições de aprimorar e ampliar a produtividade de suas terras.

# Crescimento comprovado

Filho de agricultores, Paulo Francisco Feltes é a prova de que a assistência técnica concedida aos produtores do Programa Selo Combustível Social traz resultados. Ele começou a trabalhar na lavoura da família aos sete anos de idade. Hoje, aos 77 e com mais de 70 anos de vida dedicados exclusivamente à agricultura familiar, comemora o crescimento de sua produção registrada nos últimos oito anos em uma expansão de 25% a 30%.

“Há oito anos, se eu colhia mil sacas de soja, agora estou colhendo 1.300 — às vezes, 1.400. Já colhi até 1.500 sacas. E se estava produzindo cem sacas por hectare, agora estou produzindo 170. Essa é a grande vantagem que a gente vê ao receber orientações técnicas de qualidade sobre o tratamento do solo, a utilização de adubo adequados a cada cultura, entre outras medidas para promover uma agricultura de precisão”, diz, agradecido.

Na avaliação de Feltes — que é cooperado da Cooperativa de Agricultores de Chapada (Coagril), no Rio Grande do Sul —, o Programa Selo Combustível Social é o melhor projeto já implementado para incentivar o pequeno agricultor familiar a produzir mais alimento. “Nossa maior preocupação não é tanto o bônus de R\$ 1 por saca de soja, mas sim o departamento técnico. Os técnicos aqui da minha região nos acompanham mesmo. Sou muito bem atendido. Tenho certeza de que, se vierem a fazer uma enquete aqui no interior, 99% dos agricultores vão falar o mesmo”, relata.

## SERVIÇO: COMO CADASTRAR SUA COOPERATIVA COMO FORNECEDORA DO PROGRAMA SELO COMBUSTÍVEL SOCIAL

1. O pedido de habilitação pode ser feito pelo sistema eletrônico do Ministério da Agricultura ou em uma unidade com protocolo integrado. As cooperativas também podem encaminhar a documentação pelos Correios para o ministério ou para uma unidade da Superintendência Federal de Agricultura (SFA).
2. Para que o processo avance, é necessário apresentar: cadastro da cooperativa e de seus responsáveis legal e operacional; Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica; cópia do estatuto social e ata de eleição da cooperativa; lista de agricultores familiares associados detentores de DAP ativa; e declaração afirmando que esses agricultores fazem parte do quadro social de cooperados, entre outros documentos.
3. O prazo para a avaliação do pedido é de até 60 dias, com possibilidade de recurso. A habilitação concedida terá validade de cinco anos.





## Colheita compartilhada

## Agenda positiva

Demanda antiga do setor produtor do biodiesel — que hoje responde por 18% dos combustíveis utilizados no Brasil em carros e caminhões com motores movidos a diesel —, a ampliação do acesso ao Selo Combustível Social é fruto de uma parceria positiva entre o Mapa e o Sistema OCB.

De acordo com Fernando Schwanke, secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Mapa, hoje, praticamente todos os projetos da pasta são debatidos conjuntamente pelos times do Ministério e da OCB, com o objetivo de fomentar o crescimento do setor. “A gente recebe os pleitos, analisa tecnicamente e tudo aquilo que é possível para fortalecer o sistema cooperativo, tem sido feito”, afirmou.

A ampliação da participação das cooperativas como fornecedoras do Programa Selo, Combustível Social — segundo Schwanke — busca mais participação de cooperados nas atividades de produção de biodiesel. “Nosso objetivo, como governo, é fazer com que todos os agricultores familiares participem das políticas públicas de incentivo ao setor, e não apenas uma parte deles”, conclui.

O Rio Grande do Sul é o maior produtor brasileiro de matéria-prima para biodiesel. Em reconhecimento a essa atuação, a OCB convidou representantes da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (FecoAgro) a participarem das negociações relacionadas à flexibilização das regras do Programa Selo Combustível Social.

Em entrevista à **Saber Cooperar**, o diretor executivo da Federação, Sérgio Feltraco, celebrou a publicação das Portarias nº 144 e nº 174, e relembrou as ações do Grupo de Trabalho Técnico criado em 2017 para avaliar propostas capazes de ampliar o acesso das cooperativas ao mercado de biocombustível. “Foram quase dois anos de negociações, mas valeu a pena”, elogia.

Feltraco destaca “a grande importância da atuação da OCB nesse processo, proporcionando uma maior aproximação entre o setor produtivo e o governo”. Em março, a Casa do Cooperativismo promoveu uma reunião da FecoAgro com o secretário Fernando Schwanke, em Porto Alegre. Também foi realizado um encontro, em Brasília, com a ministra da Agricultura, Tereza Cristina.

“Na ocasião, apresentamos as principais demandas do setor, destacando a importância do programa para o desenvolvimento das cooperativas e para a inclusão dos agricultores familiares cooperados. Foi um espaço construtivo, onde pudemos operar como um agente ativo desse processo”, recorda o líder cooperativista. ■



# Cooperativas

## E EMPREGO

**POR ROBERTO RODRIGUES**

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas

“Cooperativismo é a doutrina que visa corrigir o social por meio do econômico”. Eis a definição clássica simplificada desse extraordinário movimento socioeconômico, que vem permitindo, com o passar dos tempos, a inserção de milhões de homens e mulheres de forma digna e permanente na economia global.

A definição acima não deixa margem a nenhuma dúvida: a doutrina é adversária de qualquer tipo de exclusão social, sobretudo quando determinada pela concentração da riqueza, inclusive daquelas resultantes de fusões e aquisições de empresas pequenas por outras maiores. Isso posto,

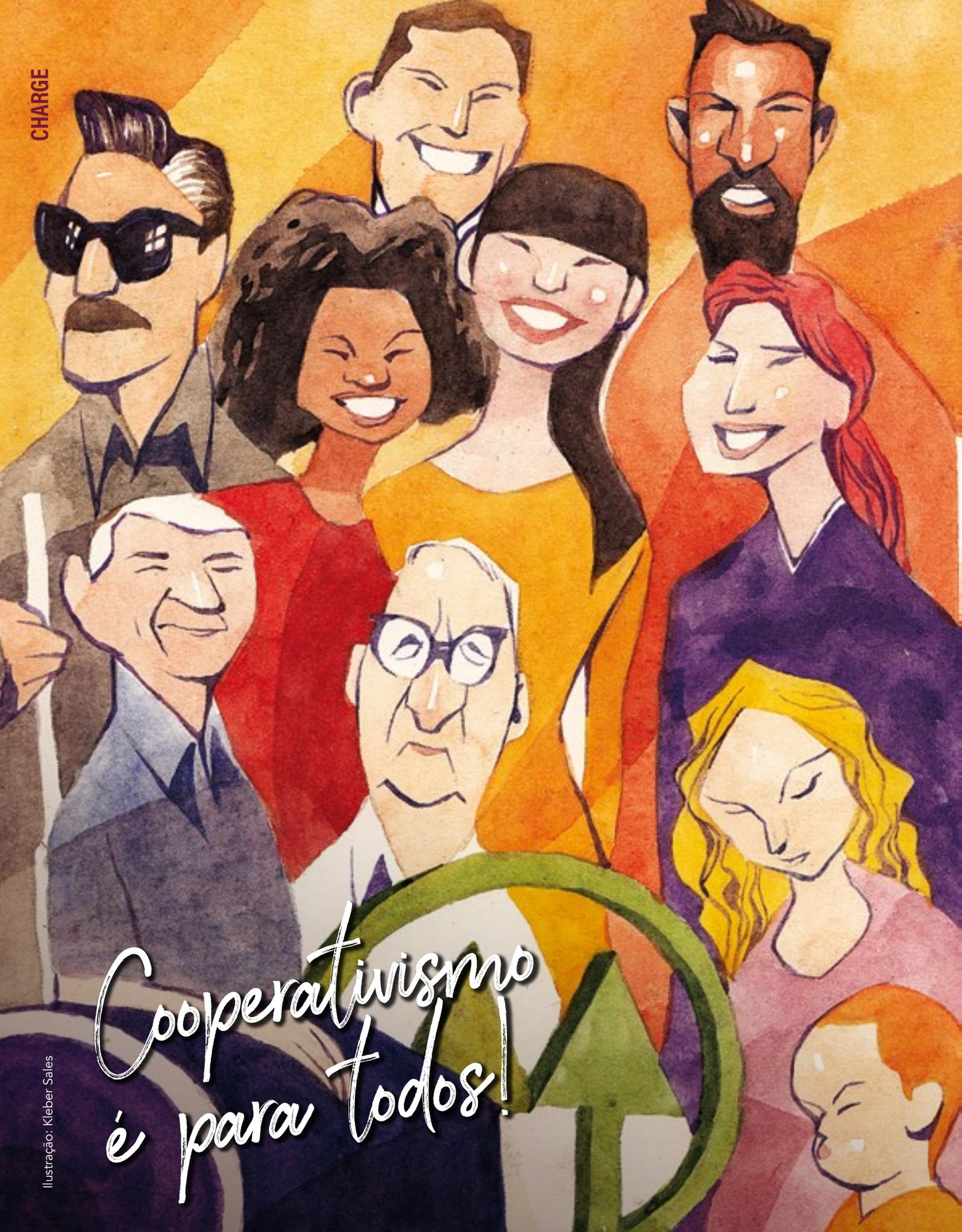
fica também evidente que o cooperativismo defende e atua — por meio de seu instrumento essencial, as cooperativas — na geração de trabalho decente para todos aqueles que estão em seu entorno direto: os cooperados, os dirigentes e os funcionários.

Mais do que isso. Na última revisão dos princípios cooperativistas, realizada em Manchester, na Inglaterra, em 1995, foi criado um sétimo princípio: o da preocupação com a comunidade na qual a cooperativa esteja inserida. O que estava por trás dessa inovação doutrinária? Simples: os pensadores da vanguarda do cooperativismo entenderam que não haveria bem-estar geral em uma comunidade, por maior que seja fosse, se a cooperativa cuidasse apenas de seus cooperados e colaboradores. Para nós, cooperativistas, só haverá felicidade verdadeira se todos os membros da comunidade forem direta ou indiretamente beneficiados pela cooperativa.

É igualmente premissa clara do nosso movimento que as relações de trabalho na área de ação da cooperativa sejam cercadas de humanismo e dignidade. Somos a face humana da economia, reconhecida pela equidade, pela justiça — na acepção mais ampla dessa palavra —, pela fraternidade e pela solidariedade.

Ao mitigar temas dramáticos como a exclusão social e a concentração da riqueza, seja no campo, seja na cidade, seja em setores de serviços ou de empreendedorismo, o cooperativismo busca a cidadania plena, com igualdade de oportunidades a todos os cidadãos; e procura a geração de empregos e renda que permitam a ascensão social de cada pessoa e de suas famílias. Essa é a essência da doutrina cooperativista e deve ser a prática das cooperativas de todos os ramos, e passa pela redução do desemprego, a maior praga de uma sociedade. ■

CHARGE



Cooperativismo  
é para todos!

# UMA REVOLUÇÃO NOS NEGÓCIOS DE SUA COOPERATIVA

Já pensou entrar em  
um mercado que gira

**EM TORNO DE  
R\$ 4 BILHÕES  
POR ANO?**

ESSA SOLUÇÃO JÁ EXISTE!  
**QUER SABER COMO  
FUNCIONA?**



É só se cadastrar no portal  
**Cooperativas nas Compras Públicas**,  
um serviço do Sistema OCB que  
mapeia todas as oportunidades e  
ensina as cooperativas a vender  
em grande escala ao maior cliente  
brasileiro: o Governo.

**ACESSE HOJE MESMO:  
[somoscooperativismo.coop.br/compraspublicas](https://somoscooperativismo.coop.br/compraspublicas)**





## Atualização dos Ramos do Cooperativismo.

Mais representatividade para o que a sua cooperativa faz todo dia.

